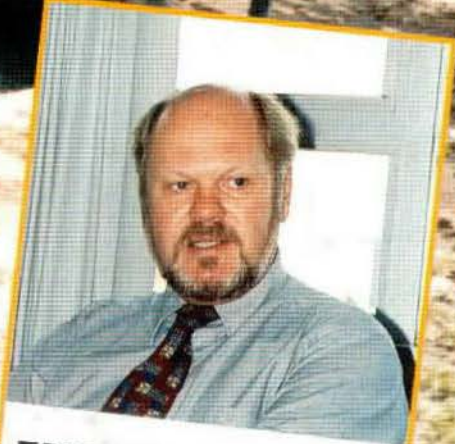


ANO XXVII - Nº 203 - JUNHO/96

VERA LUCIA WARMINSKI KMIECIK 022335
DAD/SAD/DPDM/VBIB
R JOSE IZIDORO BIAZETTO 158
CURITIBA - PR LUNA



Maria Madalena Muniz,
moradora de Barra
do Ararapira, no
Litoral Norte do Paraná



ENTREVISTA COM O PRESIDENTE

Ingo Hübert fala sobre
os ataques à Copel,
PL, Salto Caxias, boatos
sobre privatização
e muito mais.

LUZ DO SOL ILUMINA A NOITE DO LITORAL

MOVIDO A ENERGIA ELÉTRICA.



Há muito tempo a Copel vem movimentando a indústria no Paraná. E continua atraindo novas indústrias. O mais novo exemplo é a fábrica da Renault, que para se instalar no Brasil precisava contar com a força de uma empresa capaz de gerar, transmitir e distribuir energia farta, constante e barata. Uma empresa como a Copel.

Hoje a Copel tem uma capacidade instalada superior a 3,3 milhões de KW. Várias das suas 329 subestações transformadoras estão instaladas dentro de grandes indústrias, um exemplo claro do apoio que a empresa oferece aos seus parceiros.

Tudo isso faz parte de uma política que visa sempre a qualidade. Provavelmente por isso mesmo, a Copel tenha sido escolhida pela revista Exame como a melhor companhia de energia elétrica do Brasil.

Mas a Copel não perde o futuro de vista. A partir de 1998, a Usina de Salto de Caxias estará produzindo mais 1,24 milhão de KW, aumentando em 40% a capacidade própria de geração da empresa. Isso significa que a Copel está preparada para abastecer novas indústrias. E acelerar ainda mais o desenvolvimento e a transformação do Paraná.

SUMÁRIO

EDITORIAL 3

REFORMA

O Setor elétrico em debate.. 4

ENTREVISTA

Afinal, presidente, o que está acontecendo? 6

RESULTADOS

E a participação nos lucros? 10

MATERIAIS

Em busca do menor custo.. 12

DIRETO DA CAPA

Uma luz no litoral norte 14

QUALIDADE

Parada de sucessos 19

INVASÕES

Fim da linha para o problema 22

TRANSMISSÃO

Linha estratégica 24

NOTAS 25 A 28

CARTAS 28

SEGURANÇA 29

TODO MUNDO

LIGADINHO 30

IMAGEM 32

ATENÇÃO ÀS CRÍTICAS. NEM SEMPRE SÃO SINCERAS.

Após um período de hibernação, está de volta o Copel Informações, o nosso CI, o CI dos copelianos, para circular novamente todos os meses. Lamentavelmente, o CI ficou fora do ar num período extremamente delicado para Copel, nos primeiros meses deste ano, quando re-crudesceram os ataques à empresa, boje serenados mas ainda latentes, sempre prontos a voltar.

Por isso, retomamos o assunto nesta edição, através de uma ampla e abrangente entrevista com o presidente da empresa, em que ele fala dos "bons rumos da Copel" e comenta e rebate aqueles ataques, com explicações dirigidas especificamente aos copelianos. Consideramos oportuna essa entrevista, pois sabemos que muitas dúvidas e receios ainda restaram entre os empregados da empresa, submetidos no começo do ano a um bombardeio de notícias desencontradas, muitas vezes sobre questões complexas, que uma grande parte dos copelianos não entendia bem. Aliás, muitos dos próprios críticos também não entendiam, ou fingiam não entender.

Na verdade, não importa muito que as críticas negativas e os ataques sejam levianos e infundados (e a maioria tem sido). Ou que sua motivação seja meramente política, vinda de opositores que mantêm a postura de jamais concordar com as ações do governo ou da atual direção da Copel, ainda que essas ações fossem as melhores e as mais recomendadas, seja do ponto de vista técnico ou ético. O que importa é o ataque irresponsável de uma minoria insatisfeita a uma empresa que é patrimônio e orgulho do povo paranaense e, principalmente, a confusão que tudo isso gera na mente dos copelianos.

O copeliano deve estar atento a esse jogo, que não é seu e nada tem a ver com seu trabalho e com a grande empresa de que faz parte. Ironicamente, quando os ataques mais contundentes começaram, no fim do ano passado, a Copel foi considerada pela revista Exame a melhor e mais eficiente concessionária de energia elétrica do País, um orgulho, evidentemente, para todos os copelianos e para os paranaenses. Não será o mero jogo político, ou o jogo dos insatisfeitos de plantão, dos que praticam a crítica pela crítica, que mudará essa realidade - fruto, é sempre bom repetir, do trabalho dos copelianos. Atenção, portanto. Críticas construtivas e bem intencionadas são sempre bem-vindas. Cuidado porém com as críticas levianas. Elas só visam conturbar e confundir. Copel e copelianos devem estar acima delas.

A REDAÇÃO

COMPANHIA PARANAENSE DE ENERGIA ELÉTRICA - COPEL (Criada em 26 de outubro de 1954) • **Presidente e Dir. Engenharia e Construção:** Ingo Henrique Hübert • **Assistente da Presidência:** Arturo Andreoli • **Dir. Econômico-Financeiro:** Ferdinando Schauenburg • **Dir. Administrativo:** Miguel Augusto Queiroz Schünemann • **Dir. de Distribuição:** Mário Roberto Bertoni • **Dir. de Operação:** Lindolfo Zimmer • **Copel Informações** - Revista de distribuição dirigida editada pelo Núcleo de Jornalismo da Copel • **Conselho Editorial:** Lauro Feital - Romeu Franzen • **Editor:** Fernando Gerlach • **Fotos:** Irineu Nievola - Ennio Vianna - Carlos Borba - Mônica Rocha Mello • **Foto da Capa:** Wolmer Roque Zanin (SDE) • **Colaboradores:** Christian Schwartz e Jairo Resende Jr. • **Regionais:** Justiniano A. do Nascimento (Curitiba), Dorival Ignácio (Ponta Grossa), Salvador Francisco (Londrina), Dante Conselvan (Maringá) Eder Dudczak (Cascavel) e Paulo Ribeiro (Salto Caxias) • **Redação:** Rua Coronel Dulcídio, 800 - Fone (041) 322-3535 - ramal 4329 - CEP 80420-170 - Curitiba - Paraná • **Produção Gráfica e Editoração Eletrônica:** Fatorria de Arte, Criação e Comunicação - Fone/Fax: (041) 233-3856 • **Fotolito:** Opta Originais Gráficos e Editora Ltda • **Impressão:** Clichepar Editora & Indústria Gráfica Ltda.

O SETOR ELÉTRICO EM DEBATE

SEMINÁRIO REÚNE MAIS DE 600 PESSOAS EM FOZ DO IGUAÇU

O maior evento de todos os tempos na área de energia no Brasil. Assim foi considerado o seminário sobre a reforma do setor elétrico, que em 30 e 31 de maio reuniu em Foz do Iguaçu mais de 600 representantes de empresas públicas e privadas e de agentes financeiros interessados em investir no setor. O encontro foi promovido pelo Governo do Paraná e pelo Ministério de Minas e Energia e organizado pela Copel, pela Eletrobrás e pelo Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica - DNAEE.

Na avaliação do presidente da Copel, Ingo Hübert, "o expressivo número de participantes, que representaram praticamente todo o setor elétrico brasileiro, indica o

interesse em aparar as arestas e concluir a regulamentação dessa área tão importante para a economia nacional". Segundo ele, o número de participantes dobrou em relação às expectativas iniciais, "o que demonstra a feliz oportunidade de realização do evento nesse momento em que se define o novo perfil do setor elétrico brasileiro". Para Ingo, "o momento é decisivo, pois existe carência de recursos para atender à crescente demanda e o sucesso do seminário demonstra que o setor elétrico não

está passivo, está agindo para resolver seus problemas".

MINISTRO

O seminário foi aberto pelo ministro de Minas e Energia, Raimundo Mendes de Brito, e pelo governador em exercício do Paraná, Aníbal Khury. O ministro apresentou um balanço das realizações do atual governo na área de energia, com destaque para a revisão de algumas concessões e para a privatização de empresas como a Escelsa, do Espírito Santo,



No alto: o presidente Ingo Hübert, o governador em exercício Aníbal Khury, o ministro Raimundo Brito, o prefeito de Foz, Dobrandino Gustavo da Silva e o presidente da Federação das Indústrias do Paraná, José Carlos Gomes de Carvalho. Em baixo, flagrante da platéia.

e a Light, do Rio de Janeiro. "A experiência dos países que nos antecederam em programas dessa natureza nos aponta para a necessidade do reconhecimento de que tais transformações exigem invariavelmente algum período de transição entre o modelo vigente que se exaure e a proposta nova", disse o ministro.

O secretário de Energia do Ministério, Peter Greiner, que fez a última palestra do evento, acredita que "a constituição de um novo setor elétrico não se faz em dois dias, leva tempo e desperta mui-

tas dúvidas. Um seminário como este ajuda a todos a compreender o que está acontecendo, a se situar e a se capacitar para melhor participar do processo". De acordo com Greiner, as principais propostas para reforma do setor elétrico brasileiro serão feitas pelo governo federal, com base em informações de consultoria internacional contratada para esse fim, mas a decisão final caberá ao Congresso Nacional.

DEBATE ABERTO

O coordenador-geral econômico-financeiro do DNAEE, Evaldo Melo da Paz, acredita que se "conseguiu discutir abertamente todas as questões do setor", sendo muito importante "a presença de agentes de todas as áreas interessadas no processo, desde as concessionárias até os investidores". Os participantes debateram o processo de definição do novo modelo do setor elétrico, com destaque para as palestras sobre a expansão do setor elétrico, feita por Benedito Carraro, diretor da Eletrobrás, e para a apresentação do vice-presidente do Fórum de Secretários de Estado para Assuntos de Energia, Eraldo Tinoco de Melo, que ressaltou a necessidade de articulação com os Estados para o estabelecimento de uma nova ordem institucional e legal do setor.

A participação da iniciativa privada também esteve em evidência, com debates sobre o sistema interligado, a produção independente de energia e a auto-produção, bem como a privatização de empresas e a abertura de capital. Francisco Luiz Sibut Gomide, ex-presidente da Copel e da Itaipu Binacional e atual presidente da Centrais Elétricas do Espírito Santo - Escelsa, primeira estatal privatizada no atual processo, também desta-



O presidente da Copel entregou ao governador Aníbal Khury e demais autoridades o livro "Memória Técnico de Foz do Areia".

cou a presença maciça de agentes do setor no Seminário. "Não me lembro de ter visto uma concentração desse porte em outro evento do setor elétrico", afirmou.

No último dia, os debates giraram em torno de aspectos financeiros e técnicos, como tarifas e livre acesso à transmissão e distri-

buição de energia. O diretor de Distribuição da Copel, Mário Roberto Bertoni, que falou aos participantes sobre a política tarifária e a indústria da energia elétrica, destacou a necessidade, no que diz respeito a tarifas, de "um órgão regulador reconhecido e respeitado pela independência, competência e coerência no trato das questões que este novo momento impõe". Durante a tarde, estiveram em discussão as tendências de abertura do mercado e as fontes de recursos para fazer frente a uma demanda de 6 bilhões de reais por ano para a expansão do setor, com destaque para a participação do assessor de energia do Banco Mundial, Rafael Moscote. ●

MINISTRO E GOVERNADOR VISITAM SALTO CAXIAS

Após a abertura do seminário sobre a reforma do setor elétrico, o ministro Raimundo Mendes de Brito e o governador em exercício Aníbal Khury, acompanhados do presidente da Copel, Ingo Hübert, e do diretor-geral brasileiro da Itaipu Binacional, Euclides Scalco, visitaram as obras da hidrelétrica de Salto Caxias, no

rio Iguaçu. O ministro, que percorreu todas as frentes de trabalho (foto), elogiou a obra, que considera importante "não só para o Paraná mas para todo o sistema interligado Sul-Sudeste do país". Durante a visita, Raimundo Mendes de Brito autorizou via rádio a detonação de uma bancada de 1.200 metros cúbicos de rocha.



Desde o fim do ano passado e em todo o primeiro trimestre deste ano, os copelianos viveram um clima tenso e de ansiedade: a Copel e sua atual gestão estiveram numa incômoda evidência, alvo constante de ataques e críticas negativas, amplamente divulgadas pela Imprensa. Nos últimos dois meses, os ataques cessaram, ou pelo menos amainaram, mas sabe-se que eles estão latentes, podem voltar a qualquer momento. Esta entrevista do presidente da empresa, Ingo Hübert, visa justamente tranquilizar a família copeliana. Segundo ele, completado quase um ano e meio do atual governo do Paraná e da atual gestão da Copel, pode-se dizer que a empresa vai bem. Teve resultados satisfatórios no ano passado, quando foi inclusive considerada pela revista Exame a melhor e mais eficiente concessionária de energia elétrica do País. Suas metas têm sido rigorosamente cumpridas, boa parte delas com antecipação e com índices acima do previsto. Sua eficiência aumentou e continua aumentando, tanto no que se refere à produtividade como à qualidade dos serviços. Por que então os ataques?

AFINAL, PRESIDENTE, O QUE ESTÁ ACONTECENDO?

Copel Informações - Se a Copel está bem, por que tantas críticas negativas? Que explicações o senhor tem para os copelianos?

Presidente - Em primeiro lugar, quero tranquilizar os copelianos quanto à sua principal preocupação, que é seu emprego, sua remuneração, sua aposentadoria e seu bem-estar, incluindo o de suas famílias. A Copel está bem e continua sendo a maior empresa do Paraná, fruto do trabalho de seus empregados. Foram os copelianos que fizeram da Copel a grande empresa que é. Serão eles também os responsáveis pela continuação do crescimento da empresa, que ingressou desde o ano passado numa nova era, para gerar ainda mais empregos seguros, prestar mais e melhores serviços a seus clientes e para proporcionar mais rentabilidade a seu principal acionista, o governo do Estado, ou, em outras palavras, o povo paranaense.

CI - Diante desse quadro, por que então os ataques?

PRE - É importante que o copeliano compreenda, até para sua tranquilidade, que os ataques, em geral orquestrados e infundados, têm sido fundamentalmente de origem política. Vêm de opositores ao governo Jaime Lerner, aliás uma minoria no qua-

dro político paranaense. Repetindo o que afirmou o governador, seria ingênuo supor que a oposição apoiasse mesmo as melhores ações do governo. Infelizmente, é assim que muitos ainda praticam a política, reprovando e distorcendo mesmo o que é bom.



Foto: Suzano Kovra (United World - US Today)

CI - Mas há críticas negativas inclusive dentro da empresa.

PRE - Pesquisas e levantamentos que fazemos periodicamente indicam que há um nível bastante razoável de aprovação à atual gestão da Copel. Mas há sim alguma oposição dentro da própria empresa. É natural

que numa corporação como a Copel, com perto de 9 mil empregados, haja insatisfeitos. O trabalhador responsável pratica a crítica construtiva, procura demonstrar a seus superiores porque não concorda com alguma coisa e apresenta sugestões e alternativas. Essa aliás é uma das ferramentas de nosso programa de Qualidade Total. Mas há aqueles que praticam a crítica pela crítica, como metralhadoras giratórias, atirando a esmo em tudo e em todos, mesmo sobre assuntos que não dominam ou desconhecem. Há também empregados ligados aos quadros que dirigiram a Copel em governos anteriores e que não se conformaram com a alternância do poder, ditada pela democracia, pela vontade popular. Como opositores, reprovam todas as ações da atual gestão, ainda que sejam boas. Mas tudo isso se refere a uma minoria. A grande maioria dos copelianos preocupa-se principalmente com seu trabalho e ganha cada centavo do salário dignamente, contribuindo com seu suor para a grandeza da empresa. Melhorar esse salário é, aliás, uma de nossas metas. Por isso que nos preocupamos em aumentar a rentabilidade da empresa, para que o empregado possa também receber sua parte, sem depender do paternalismo dos governos.

CI - Houve grande expectativa dos empregados quanto à participação nos lucros em 1996, com

**NÃO HOUEVE
SUSTENTAÇÃO LEGAL
PARA A COPEL
PROPORCIONAR
A PARTICIPAÇÃO
NOS LUCROS
JÁ NESTE ANO**

base nos resultados de 1995. Por que tudo foi transferido para o ano que vem?

PRE - Não houve sustentação legal para a Copel proporcionar a participação nos lucros já neste ano. Não cabe somente à empresa a decisão. Isso seria paternalista e ilegal, não é o previsto na medida provisória que trata do assunto. Infelizmente, a comissão de empregados, eleita e empossada para discutir a questão e apresentar uma proposta ao Conselho de Administração e submetê-la a Assembléia Geral Ordinária dos acionistas, não chegou a um consenso em tempo hábil para a participação já nos lucros do ano passado. Aliás, ainda não houve esse consenso. Criou-se apenas expectativa com propostas individuais, inclusive sobre valores, que nunca foram a discussão. Seria portanto injusto atribuir à Copel a responsabilidade pelo adiamento para o ano que vem. Isso não depende só da empresa. A participação nos lucros não pode ser encarada como salário.

Trata-se de uma instituição

que estabelece obrigações para os empregados e a empresa, dentro de critérios legais, econômicos e administrativos. A participação dos empregados nos lucros depende inclusive de que a empresa atinja os resultados previamente acordados entre as partes. (Ver matéria sobre o assunto nesta edição).

CI - Em geral, o que foi questionado sobre a Copel referia-se às aposentadorias incentivadas dos empregados no fim do ano passado, às parcerias com a iniciativa privada na usina de Salto Caxias e à venda de ações da empresa pelo governo. Mas a grita maior foi com os reajustes das tarifas de energia elétrica, que colocou inclusive os copelianos em cheque, diante de conhecidos, parentes e amigos.

PRE - Realmente, bastava alguém saber que a pessoa trabalhava na Copel para comentar sobre os supostos aumentos das contas de luz. Eu próprio fui interpelado algumas vezes. Na verdade, os reajustes não foram grandes. O que houve foi a redução dos subsídios, descontos que eram concedidos às faixas de consumo até 200 kWh/mês. Mesmo assim, dois terços dos consumidores domicilia-



res paranaenses continuam altamente subsidiados. As alterações mais sensíveis nas contas de energia ocorreram, todos sabem, pela mudança do sistema de leitura trimestral, que herdamos de gestões anteriores, para mensal.

Um terço dos consumidores (mais de 600 mil residências) ficaram com resíduos a pagar, fruto das distorções do sistema de leitura anterior, e em alguns casos tiveram aumentos temporários que pesaram nos orçamentos domésticos. A Copel procurou amenizar esses efeitos (de que se valeram muito bem nossos opositores), parcelando os pagamentos e limitando o valor mensal das contas. Os ajustes deram-se basicamente de novembro a abril. As contas já estão voltando aos valores normais e as reclamações praticamente cessaram.

CI - *Qual a responsabilidade da Copel nessa questão?*

PRE - Talvez devêssemos ter estudado e equacionado melhor a cobrança dos resíduos da leitura trimestral. Subestimamos em parte os efeitos sobre o orçamento doméstico dos consumidores que tinham os maiores débitos residuais com a Copel e acabamos dando munição aos que nos atacavam. É importante frisar que a Copel cobrou o que tinha sido consumido. Por mais que os opositores negassem e distorcessem os fatos, a redução dos subsídios foi determinada pelo governo federal. Isso ficou provado inclusive em reunião nossa na Câmara Federal em Brasília, ao lado do representante do DNAEE, com a bancada de deputados federais paranaenses. Os reajustes provocados pela redução dos subsídios vieram após um período de 20 meses com tarifas con-

SE NÃO TEMOS RECURSOS E A INICIATIVA PRIVADA TEM, POR QUE NÃO USÁ-LOS?

ge-ladas e eram imprescindíveis para as finanças das concessionárias, ante uma inflação acumulada de 32%. Nesse período, felizmente a Copel conseguiu enxugar custos e manter-se financeiramente saudável. Mas concessionárias de outros estados ficaram em situação difícil ante a tarifa congelada.

CI - *Antes do problema das tarifas, houve ataques ao plano de aposentadorias incentivadas, o sopão. Esse plano foi bom para a Copel?*

PRE - A um custo de 15 milhões de reais, o plano de aposentadorias incentivadas gerou economia de 40 milhões já no primeiro ano. Saldo positivo para a Copel de 25 milhões de reais, portanto, considerado apenas o primeiro ano após o *sopão*. Além disso, o plano premiou com justiça e de uma forma legal empregados que dedicaram sua vida profissional à Copel, dando-lhes aposentadoria



digna. Nossos empregados merecem esse respeito.

CI - *Dividir a usina hidrelétrica de Salto Caxias com a iniciativa privada também causou muita polêmica. Não seria melhor para a Copel tocar a usina com seus próprios recursos?*

PRE - Ainda que fosse, não há esses recursos. Nem o governo estadual tem condições de repassar esses recursos à Copel. Isso significaria desviar investimentos de áreas sociais como saúde, segurança, habitação, educação etc. Além disso, a construção de Salto Caxias não é o único vetor de investimentos da Copel. Temos, por exemplo, o compromisso de modernizar nossa rede de distribuição e proporcionar aos usuários energia mais confiável - o que significa também atrair novas indústrias e investimentos para o Paraná, gerando mais empregos. Se não temos recursos e a iniciativa privada tem, por que não usá-los? No modelo de consórcio para a construção em Salto Caxias, mesmo com a participação da iniciativa privada (e também dos empregados, é importante lembrar), a Copel continua no comando da usina e vai ficar com no mínimo 75% da energia gerada. O modelo permitirá ainda a obtenção de créditos nacionais e internacionais mais baratos, inacessíveis a empresas estatais.

CI - *Muitas das críticas a esse modelo consideram que se trata de um dos passos no sentido de privatizar a Copel.*

PRE - A Copel, por decisão do governo do Estado, não será privatizada. Quem afirma o contrário, a essa altura já

está agindo de má fé. O governador Jaime Lerner já reiteirou várias vezes que a Copel não está à venda nem será privatizada. A questão que se deveria colocar agora é outra. O governo federal tende a privatizar todas as demais concessionárias de energia elétrica. Poderemos ser no futuro a única estatal do setor, competindo contra empresas privadas num mercado que se prenuncia muito competitivo e agressivo. Temos então de nos tornar cada vez mais eficientes e competentes, para enfrentar com sucesso a maior agilidade das empresas privadas.

CI - Por que então o governo cogita vender ações da Copel?

PRE - Vender ações da Copel não significaria privatizar ou abrir mão do controle da empresa. Segundo as palavras do próprio governador, o Estado do Paraná, carente de recursos para investir em desenvolvimento e projetos sociais, detém hoje 93% das ações ordinárias da Copel, além de 74% das ações preferenciais. Na verdade, apenas 51% das ações ordinárias seriam suficientes para garantir o controle acionário da empresa, embora, por lei, no caso da Copel, o governo estadual deva ficar com no mínimo 60% dessas ações. O restante, as ações excedentes a esses 60% de ações ordinárias, estão ociosas na mão do governo, quando poderiam gerar recursos para o desenvolvimento do Estado e solucionar problemas sociais nas áreas de educação, saneamento básico, saúde, segurança, transportes e geração de empregos. A venda dessas ações ociosas, excedentes, daria uma contribuição decisiva para alavancar o desenvolvimento do Paraná. Isso representa hoje cerca de 900 milhões de reais. E, com uma colocação criteriosa das ações excedentes no

mercado, esse total poderá crescer em muito, pois o valor das ações aumentaria bastante.



Não há sentido em manter esses recursos ociosos, parados. O Paraná precisa deles.

CI - Esses recursos não poderiam servir para a Copel concluir e manter a usina de Salto Caxias ou completar a modernização de suas linhas de distribuição?

PRE - O modelo em que o governo cobria a empresa estatal com recursos acabou, seja na esfera federal, estadual ou municipal. Depois de acumular com essa postura uma enorme dívida social em todo o País, o governo não tem mais recursos. Nem para as estatais, nem para a res-ga-tar a dívida social. Por isso está privatizando suas empresas, para obter recursos e estancar despesas. Nesse quadro, não tem cabimento o governo vender suas ações e canalizar os recursos para a Copel. Vivemos hoje uma situação inversa: temos que obter a maior rentabilidade possível e gerar recursos para nosso principal acionista, o go-

verno. É esse agora o nosso papel social: gerar recursos para o Estado, para auxiliá-lo no resgate de sua dívida social com o povo paranaense. No nosso caso, felizmente a Copel é uma empresa eficiente, financeiramente saudável, e tem condições de responder a esse desafio.

CI - Os copelianos podem então estar tranquilos sobre os destinos da Copel?

PRE - Sem dúvida. Os copelianos devem continuar tendo orgulho da empresa em que tra-

balham, orgulho esse que é compartilhado também pelo povo paranaense. A Copel é co-responsável pelo desenvolvimento do Paraná e terá participação decisiva nessa fase de transformação para melhor por que passa o Estado. A atuação eficiente da empresa é estratégica para os planos de desenvolvimento do governo estadual. Garantia de suprimento confiável de energia elétrica foi, por exemplo, fundamental para a vinda da

**A COPEL NÃO SERÁ
PRIVATIZADA. QUEM
AFIRMA O
CONTRÁRIO, A ESSA
ALTURA JÁ ESTÁ
AGINDO DE MÁ FÉ**

Renault. A Copel, aliás, participou integralmente das negociações que culminaram

com a decisão da fábrica francesa de instalar-se no Paraná. Outros investimentos virão, de novas empresas e também de empresas que já operam no Estado, alguns deles do mesmo porte ou até maiores do que a Renault - sempre com a participação da Copel, nas negociações e no suprimento de energia elétrica. ●

E A PARTICIPAÇÃO NOS LUCROS?

DESACORDOS NA COMISSÃO DOS EMPREGADOS INVIABILIZARAM A DISTRIBUIÇÃO ESTE ANO

Havia franca disposição da Copel de instituir imediatamente o sistema de participação de seus empregados nos lucros. Isso ficou demonstrado inclusive em manifestação do presidente do Conselho de Administração - CAD, Ney Braga, quando afirmou que a participação dos trabalhadores nos

lucros da empresa concretizaria um de seus dois grandes sonhos, ao lado da reforma agrária. Mas a falta de consenso entre os integrantes da comissão que representava os empregados inviabilizou o desenvolvimento de uma proposta baseada na Medida Provisória que regulamenta o assunto.

A comissão deveria ter definido e proposto à Empresa os critérios requeridos pela Medida Provisória, para que fossem submetidas à Assembléia Ordinária de Acionistas realizada em 23 de abril, após apreciação do Conselho de Administração em sua reunião de 15 de março. Como não houve definição em tempo hábil, qualquer proposta de distribuição de lucros somente poderá ser analisada pelos acionistas a partir de 1996.

OSTI: "O CAD APROVARIA"



Osti: esclarecimentos ao CAD desde dezembro.

O representante dos empregados no Conselho de Administração, Manoel Luiz Gomes Osti — que chegou a ter sua atuação questionada em publicação do Sindelpar, apesar de não ter podido participar da comissão — revela que o Conselho vê com simpatia a participação dos copelianos nos resultados da companhia. "O Conselho de Ad-

ministração atuou dentro de suas possibilidades. O assunto só não foi apreciado em 15 de março porque a comissão dos empregados não apresentou nada", afirma Osti. Segundo ele, "o que aparecesse, desde que fosse coerente e sensato, seguramente seria aprovado, em vista dos esclarecimentos preliminares que eu vinha prestando desde dezembro."

Manoel Osti relata que o próprio presidente do CAD, Ney Braga, já havia dito que "no que dependesse do Conselho, não haveria problemas". O representante dos empregados lamenta que, apesar de seus esforços para entrar na comissão, sua participação tenha sido vetada pela Interpar na reunião realizada em 19 de abril. "Faltou apenas o estabelecimento de critérios. Acredito que a Copel até reabriria a discussão, mas dependeria de uma definição da comissão, com o cumprimento dos critérios contidos na lei."

O assunto foi debatido em reunião do presidente Ingo Hübert e do diretor administrativo Miguel Schünemann com representantes do Sindelpar em 22 de maio. A solução encontrada, conforme proposta apresentada pelo Sindelpar, foi a constituição de uma nova comissão — a ser referendada por assembleias sindicais — composta pelos dois representantes já eleitos pelos empregados, por representantes regionais do sindicato e pelo representante dos empregados no Conselho de Administração.

Durante a reunião, Hübert alertou para a necessidade de se definir logo a sistemática de distribuição de lucros. "O ano de 96 está correndo e é importante tentar definir o sistema o quanto antes para que os prazos não sejam perdidos novamente", afirmou Hübert. Segundo ele, "o sistema terá que ser muito bem elaborado, com base em princípios legais, econômicos e administrativos. Ou seja, a distribuição tem que estar dentro da lei, ser vinculada ao lu-

cro e não pode ser confundida com salário”.

“A diretoria considera importante a participação dos empregados nos resultados da Empresa e por isso tem interesse na definição de mecanismos eficazes e satisfatórios tanto para a Copel como para seus empregados”, afirma o diretor Administrativo, Miguel Schünemann, para quem, contudo, “é imprescindível a observância de certos requisitos preliminares, inclusive do ponto de vista legal”. A Copel se colocou à disposição para apoiar a nova comissão dos empregados no sentido de fornecer os indicadores de desempenho empresarial necessários para a definição dos critérios.

SEM RESULTADOS

A primeira comissão de empregados foi escolhida no final de 1995. Faziam parte dela: Célia Fonseca Ladeia Furlan e José Ivan Morozowski (eleitos pelos funcionários para esse fim específico), Miguel Amilton Gawloski e Pedro Paulo Barbosa Resende (pela Interpar), Luiz Carlos Corrêa Soares (da Ação Sindical Conjunta) e Paulo Henrique de Almeida (representando a Associação dos Profissionais da Copel - APC).

Mesmo constituída, até março a comissão não havia se reunido oficialmente, havendo apenas manifestações isoladas que acabaram por despertar alguma expectativa entre os empregados: muitos passaram a contar com a chamada PL ainda este ano. A própria composição da comissão acabou sendo questionada. A participação do representante dos empregados no Conselho de Administração, Manoel Luiz Gomes Osti, não foi permitida pelo representante da Interpar. Por sua vez, o Sindelpar,



Schünemann: os critérios devem ser eficazes e satisfatórios.

que ganhou na justiça o direito de representação sindical dos eletricitários, também reivindicava assento na comissão. Diante da polêmica, chegou a ser proposta uma renúncia coletiva, para que todos os integrantes fossem eleitos pelos empregados.

Apesar de a comissão ter dis-

cutido mais sua composição do que os critérios de participação, a distribuição aos empregados dos resultados de 1995 chegou a ser analisada em reunião da diretoria da Copel realizada em 22 de abril. A conclusão dos diretores foi que, não existindo critério prévio, conforme determina a MP, não haveria suporte legal para a Copel acatar a única proposta feita pela comissão: a distribuição de um valor fixado aleatoriamente a título de participação no lucro do último exercício.

Como a Medida Provisória não determina expressamente a participação nos resultados de 95, deixou de existir base legal para qualquer medida nesse sentido. “Além disso, no acordo coletivo de outubro de 1995 já foi ajustado o pagamento parcelado e a incorporação nos salários de percentual correspondente à produtividade”, afirma Miguel Schünemann. ●

SAIBA O QUE DIZ A LEI

A Medida Provisória sobre a participação dos trabalhadores nos lucros ou resultados da empresa, como instrumento de integração entre o capital e o trabalho, regulamenta o artigo 7º, inciso XI, da Constituição Federal e determina que “toda empresa deverá convencionar com seus empregados, por meio de comissão por eles escolhida, a forma de participação daqueles em seus lucros ou resultados”.

De acordo com a lei, o documento que resultar dessa negociação deverá conter “regras claras e objetivas” quanto a fixação dos direitos, mecanismos de aferição, periodicidade da distribui-

ção, período de vigência e prazos para revisão do acordo. Como critérios, podem ser considerados, entre outros, índices de produtividade, qualidade ou lucratividade e programas de metas, resultados e prazos, “pactuados previamente”. Outro ponto importante da Medida Provisória: ela fala da participação “nos lucros ou resultados”, o que pode também ser interpretado como participação no prejuízo, se houver. Mas, principalmente, a medida veta a substituição ou complementação da remuneração devida a qualquer empregado, ou seja, a participação nos lucros não pode ser transformada em salário.

EM BUSCA DO MENOR CUSTO

SEMINÁRIO DEBATEU AS VANTAGENS DO CONCRETO COMPACTADO COM ROLO

A tecnologia de materiais é com certeza um dos campos da engenharia onde a criatividade está longe de encontrar seus limites.

Na área de barragens, a Copel dá exemplo ao resto do país ao inaugurar o uso intensivo do concreto compactado com rolo (CCR), uma evolução em relação ao concreto convencional. O CCR é, de saída, mais barato, pois demanda menos cimento, dispensa o uso de armaduras (as ferragens internas) e possibilita empregar na construção os mesmos equipamentos usados em obras rodoviárias. Outra vantagem: o tempo de construção é menor.

De olho nessas vantagens, a Copel já usou a técnica na barra-

gem da Derivação do Rio Jordão (95 metros de altura sobre as fun-



O 2o. Seminário Nacional de CCR foi realizado em Curitiba.

USO DO CCR É CRESCENTE

Já há alguns anos o Brasil tem utilizado, ainda que timidamente, a tecnologia do concreto compactado a rolo. As principais iniciativas no gênero contemplaram, como regra, a construção de estruturas secundárias como ensecadeiras, em hidrelétricas como São Simão, Itaipu, Tucuruí e, mais recentemente, Xingó, Três Marias e Porto Primavera. A Copel está cabendo o mérito de usar o CCR pela primeira vez como o principal material em duas grandes barragens.

Soluções do gênero vêm sendo cada vez mais consideradas e executadas no país em função do baixo custo, rapidez de execução e confiabilidade. Mesmas qualidades que levaram Espanha, Estados Unidos, Japão e África do Sul, por exemplo, a

adotá-la com frequência cada vez maior: conforme registros do Comitê Brasileiro de Grandes Barragens, existem 165 estruturas em CCR com mais de 15 metros de altura no mundo, com destaque para uma construída na China, a maior delas, com 190 metros de altura.

Nos Estados Unidos estão 28 dessas grandes barragens, todas construídas de 1980 para cá, e outras 4 estão sendo projetadas. Mui-

tas dessas estruturas foram construídas em substituição a barragens de outros materiais, deterioradas ou avariadas, detalhe que demonstra a confiança depositada pelos projetistas americanos no desempenho do CCR.

Um pouco da experiência americana em projetos, construção e métodos de controle do CCR foi mostrado no Seminário pelo engenheiro e consultor Kenneth Hansen, que proferiu a palestra especial de abertura. Entusiasta do uso do material, o consultor informou que a maior barragem de CCR em seu país é a de Stealwater, que tem cerca de 90 metros de altura e volume de 1 milhão de metros cúbicos. Dupla coincidência: em altura ela é comparável à do Rio Jordão. Em volume, à de Salto Caxias.



Hansen: entusiasta do CCR.

dações e 550 metros de comprimento totalizando 570 mil metros cúbicos do material) e a está usando na Usina de Salto Caxias (67 metros de altura máxima, 1.100 metros de comprimento e volume de quase 1 milhão de metros cúbicos).

Nunca antes no Brasil foram utilizados volumes tão grandes de CCR, e a um custo tão baixo (21 dólares por metro cúbico), o que também é um recorde nacional, segundo o presidente do Comitê Brasileiro de Grandes Barragens, Flávio Miguez de Mello. Pelo ineditismo dessa larga aplicação e pelo custo obtido, as normas e procedimentos fixados pela Copel para uso do CCR estão se transformando em referenciais para o Brasil e outros países.

Isso tudo ajudou a atrair para o Centro de Convenções de Curitiba, de 10 a 12 de março, cerca de 300 engenheiros, técnicos e projetistas de várias procedências. Eles vieram conhecer detalhes da experiência da Copel e de outras empresas no planejamento e construção de grandes estruturas em CCR, que foram apresentadas no 2º Seminário Nacional de Concreto Compactado com Rolo, evento promovido pelo Instituto Brasileiro do Concreto, Universidade Federal do Paraná, Comitê Brasileiro de Grandes Barragens e Associação Brasileira de Engenheiros Civis. Cerca de 40 trabalhos técnicos compuseram a programação, alinhados de forma a contemplar o CCR em cinco grandes temas: projetos, construções, desempenho de obras, perspectivas futuras e panorama internacional do uso do material. E, nos dias 13 e 14, uma programação de ordem prática: os interessados puderam conhecer de perto a utilização do CCR no Jordão e em Salto Caxias. ●

MAIS ÁGUA PARA SEGREDO

LAGO FORMADO NO RIO JORDÃO REFORÇA A GERAÇÃO

Em 8 de maio o rio Jordão virou um afluente do reservatório de Segredo. Nesse dia, o lago que começou a ser formado em 24 de abril atingiu a cota de 602m em relação ao mar, nível correspondente ao mínimo operacional da hidrelétrica, e um túnel de 4.704 metros passou a ligar o Jordão a Segredo, que com o reforço vai gerar 10% mais eletricidade ou 500 mil MWh anuais, o equivalente ao consumo de uma cidade como Maringá.

Logo após o barramento do Jordão, foi iniciada a operação de resgate dos animais ilhados: 50 técnicos da Copel e de outras ins-

tuições participaram da ação que recolheu 269 espécimes, na maioria pequenos roedores, répteis (lagartixas, lagartos e diversos gêneros de serpentes) e anfíbios (sapos e pererecas).

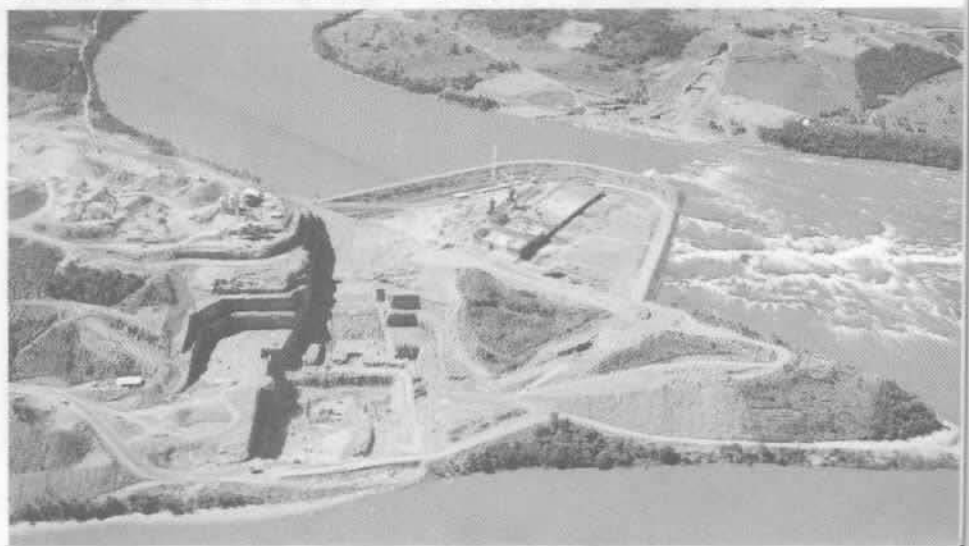
Foram investidos aproximadamente 100 milhões de reais na derivação do Jordão, cujo projeto consistiu na construção de uma barragem com 95m de altura máxima e 550m de comprimento, do túnel ligando os lagos e de uma pequena hidrelétrica de 6,5 MW para aproveitar a vazão remanescente. Essa usina começa a operar no fim de julho. ●

OBRAS EM DIA EM CAXIAS

Avançam a todo vapor as frentes de trabalho no canteiro de Salto Caxias, a última grande hidrelétrica prevista no curso do rio Iguaçu. Iniciadas em janeiro de 95, as obras civis já totalizam volumes bastante expressivos na parte de escavações: 80% dos 1,7 milhão de metros cúbicos de material comum e 83% dos 2,3 milhões de metros cúbicos de rochas. Os trabalhos em concreto estão concentrados nas estruturas das adufas

para a segunda fase de desvio do rio e do vertedouro incorporado à barragem: 9% do total de 527,8 mil metros cúbicos de concreto convencional estão prontos, bem como 10% dos 912 mil metros cúbicos de concreto compactado com rolo.

Salto Caxias deve iniciar operação em dezembro de 1998. Sua potência de 1.240 megawatts ampliará em 40% a capacidade própria de geração da Copel. ●





Os painéis absorvem a luz do sol e geram energia.

UMA LUZ NO LITORAL NORTE

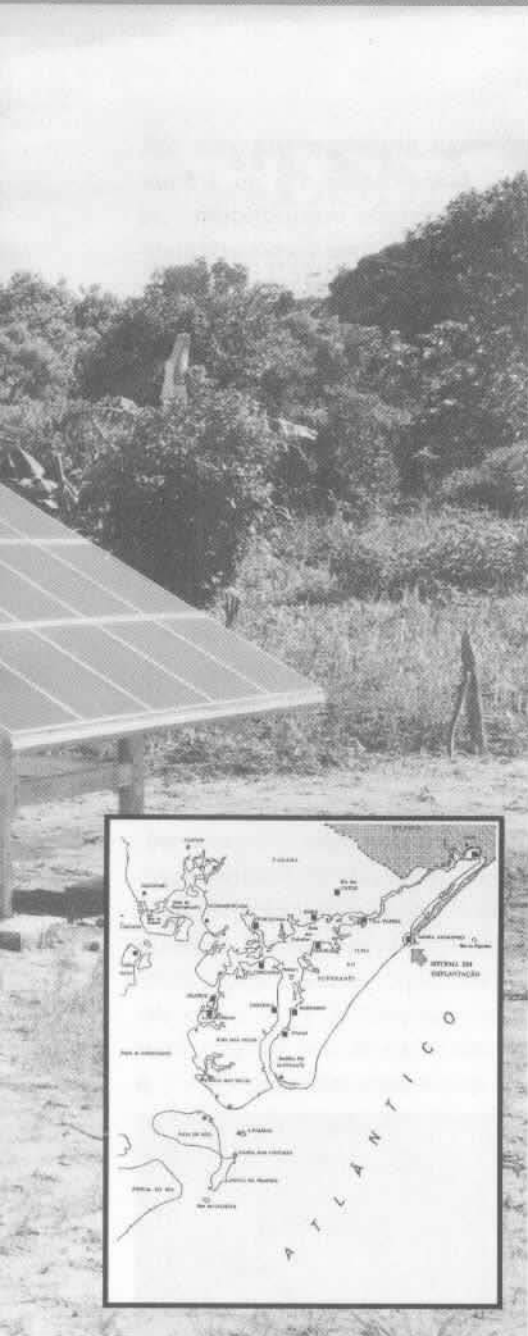
SISTEMA FOTOVOLTÁICO ILUMINA COMUNIDADE ISOLADA

Os 126 moradores de Barra do Arapirã estão com a vida mais iluminada. Isolados há mais de cem anos em pleno Parque Nacional do Superagüi, no litoral norte do Paraná, só agora, a poucos anos do século XXI, os integrantes dessa comunidade de pescadores estão passando a conviver com os benefícios da eletricidade.

Barra do Arapirã é a primeira localidade no Paraná — e a segunda no Brasil (a outra é em Maceió) — a contar com um sistema de carga de baterias com energia solar para atendimento à comunidade. A força do sol passa a brilhar também à noite, revolucionando a rotina da gente simples e desconfiada que vive no lo-

cal (*leia a reportagem seguinte*).

É justamente o isolamento que torna a energia solar a mais adequada para o atendimento às 36 famílias daquela comunidade, plantada em meio a um parque nacional e em área de proteção ambiental permanente. Não bastassem as restrições de ordem ambiental, a área é de difícil aces-



so. A distância e outros problemas — como por exemplo a necessidade de travessia de áreas de mangue — elevam os custos e inviabilizam a construção de uma linha convencional de energia. Até agora, as necessidades básicas de iluminação vinham sendo supridas com lâmpões a gás, velas e baterias comuns de carro.

Além do perigo — uma vela esquecida acesa chegou a incendiar uma das casas — repor os botijões vazios ou as baterias

descarregadas eram atividades onerosas para os moradores, cuja principal fonte de renda é a pesca artesanal, feita com barcos a remo. O único barco a motor disponível leva de 3 a 4 horas para chegar a Guaraqueçaba, sede do município, onde os mantimentos são caros. Paranaguá, do outro lado da baía, oferece melhores preços, mas o mesmo barco faz o percurso em 8 horas. Mais 8 horas para voltar e já se perdeu pelo menos um dia de pesca, ou mais, quando o tempo não ajuda. A alternativa, não menos cara, é comprar o gás e outros suprimentos de um barco que esporadicamente passa para levar a produção pesqueira.

SOL TAMBÉM À NOITE

A rotina dos moradores da região foi estudada por pesquisadores da Universidade Federal do Paraná, que fizeram um levantamento sociológico e antropológico custeado pela Copel. Foram identificadas 14 localidades no litoral paranaense não atendidas com eletricidade, entre elas Barra do Ararapira, povoado que há 120 anos foi fundado por três famílias, inicialmente na ponta norte da Ilha do Superagüi, na divisa com o Estado de São Paulo, e que há 40 anos está localizado mais para o sul, em frente à Ilha da Figueira.

Longe de tudo e de todos, o

QUEM FEZ O QUÊ

O sistema de energia solar implantado em Barra do Ararapira — que conta com tecnologia e equipamentos importados de uma empresa norte-americana, a Golden Photon — custou em torno de R\$ 40 mil, assumidos pela Prefeitura Municipal de Guaraqueçaba.

O projeto está habilitado a receber recursos (e aguarda-se que eles venham) do Programa de Desenvolvimento Energético dos Estados e Municípios - Prodeem, do Ministério de Minas e Energia, que se destina justamente ao atendimento de comunidades isoladas a partir de fontes alternativas de energia.

A participação da Copel restringiu-se basicamente à atividade de fomento. Além de participar dos estudos desenvolvidos pela UFPR, a empresa deu apoio técnico e logístico à implantação do sistema, que interessa pela possibilidade de, no futuro, resolver o problema de outras comu-

nidades isoladas no Estado. Além da SDE, estiveram envolvidos no projeto os departamentos de Administração Central (DPAC) e de Transportes (DPTP), da Superintendência Administrativa (DAD/SAD), e ainda o pessoal da Usina Governador Parigot de Souza, da Superintendência de Operação e Manutenção Leste (DOP/SML).

O Ibama também contribuiu com apoio logístico. A comunidade local está sendo apoiada ainda pelo Comitê Paraná-Ohio, que realiza estudos na região há mais de dois anos e está viabilizando que a escola local — onde por enquanto só se ensina de 1a. a 4a. série — tenha igualmente ensino de 5a. a 8a. série. O comitê, mantido pelo Paraná e pelo Estado de Ohio, dos Estados Unidos, já doou uma televisão e um vídeo-cassete para a escola e está providenciando também a doação de um equipamento odontológico.

povo de Barra do Arapira é desconfiado. Identificadas as necessidades, os pesquisadores levaram quase dois anos para conscientizar os moradores dos benefícios que a energia elétrica traria. "Foi um trabalho de desmistificação, para levar a comunidade a aceitar o sistema de energia solar e, ao mesmo tempo, explicar que não é a mesma coisa que um sistema convencional", conta Jorge Andrietto Júnior, gerente da Coordenadoria de Energias Alternativas da Superintendência de Desenvolvimento Energético (DEC/SDE/CNEN), área da Copel que coordenou a implantação do sistema.

A aceitação pela comunidade é fundamental, pois será a recém criada Associação de Moradores que irá operar o sistema, ambientalmente correto e relativamente simples. A energia é gerada em dois painéis fotovoltaicos, formados cada um por 25 módulos individuais de 24 W. Os módulos são


constituídos por uma placa de vidro resistente, cuja superfície interna é revestida por finíssima camada de material sensível à luz. Em momentos de pico (máxima exposição ao sol), o arranjo de 50 módulos chega a gerar 1,2 kW, com tensão em circuito aberto de 46 V e corrente máxima limitada. Essa energia vai então para um sistema eletrônico de controle que otimiza a carga de baterias acondicionadas em uma estação de carregamento com capacidade para até 12 unidades. Enquanto a carga de algumas baterias é consumida, outras ficam recarregando nessa estação.

VIDA LONGA

As baterias são comuns, de 12 V, mas próprias para sistemas estacionários e também acondicionadas em caixas lacradas, para impedir que sejam usadas para outras finalidades. Além disso, um aparelho limita o nível de descarga da bateria a 50% da carga máxima, de

forma a prolongar sua vida útil, que pode chegar a 3 ou 4 anos. Cada unidade consumidora terá uma bateria, que fornecerá energia para um sistema básico (dependendo da residência) de 2 a 4 refletores com lâmpadas fluorescentes de 9 W e uma tomada para um aparelho elétrico pequeno, com consumo máximo de 30 Wh — uma tevê pequena, preto e branco, por exemplo. Dependendo da utilização, as lâmpadas podem durar de 5 a 10 mil horas de uso, e a carga da bateria até 15 dias.

As trocas e o aluguel do equipamento serão administradas pela Associação, que também ficará encarregada de formar um fundo para a manutenção e, se necessário, a ampliação do sistema. Esgotada a carga, o morador irá até a estação de carregamento e trocará a bateria por outra, carregada. O que antes poderia levar até um dia ou mais, agora não demora mais do que alguns minutos. ●



A energia é acumulada em baterias localizadas em uma estação de carregamento.

“ESSA LUZ É PODEROSA”

A ELETRICIDADE EMOCIONA OS MORADORES DE BARRA DO ARARAPIRA

É como guardar um pouco do sol do dia para acendê-lo dentro de casa à noite. A definição, poética até, é do primeiro morador da localidade de Barra do Ararapira a ver dentro de sua casa os raios do sol se transformarem em luz elétrica. Anísio Muniz, 77 anos, pescador como os demais e pai do líder da comunidade, desce de uma das três famílias que há 120 anos formaram o primeiro povoado na região do Ararapira, na ponta norte da ilha do Superagüi e hoje praticamente abandonada. Há quase 40 anos mudou-se com duas famílias vizinhas para o sul, perto da foz do rio, dando início à formação do novo povoado num lugar onde a proximidade com o mar aberto era promessa de pesca mais abundan-



Anísio: nos bons tempos, 400 robalos por dia “no caniço de bambu”.

te.

E realmente era, mas esse tempo passou. “Os turistas que costumam vir pescar aqui estão pelo menos 20 anos atrasados”, comenta Anísio com certa ironia nostálgica. “A gente até evita de contar



Dona Maria Madalena e a eletricidade em casa: “Ficou mais seguro.”

essas coisas, pois dá aos estranhos a impressão de ser mais uma mentira de pescador, mas naquela época um dia de trabalho rendia bem uns 400 robalos puxados no caniço de bambu”. Para ele, a fartura acabou por dois motivos principais: a poluição e a pesca predatória.

Na pequena casa de madeira de três peças onde mora com a esposa Maria Madalena, a novidade da luz elétrica foi recebida com alegria. “Ficou melhor para ler e não tropeçar nas coisas”, aponta Anísio, com

um exemplar não muito recente de uma revista aberto sobre a mesa. “Ficou mais seguro”, resume convicta a esposa, lembrando do susto por que passou a família de uma das filhas. “Certa noite foram todos deitar e esqueceram de

apagar uma vela. A casa pegou fogo. Ninguém se machucou, felizmente, mas tudo o que lhes restou foi a roupa do corpo.” Dona Maria Madalena crê que episódios como esse nunca mais se repetirão, e só lamenta que seus olhos, cansados pela idade, já não lhe permitam mais bordar ou fazer crochê para tirar proveito ainda maior “dessa luz tão bonita” que brota dos dois painéis de placas coletoras instalados a 50 metros dali.

LUZ PARA O SABER

Um dos mais entusiasmados com a chegada da luz elétrica é João Pires, 50 anos, vice-presidente da Associação de Moradores. Ele e outras 35 pessoas da localidade (entre eles um senhor de 60 e tantos anos) vão passar a ter aulas também à noite nas novas classes de 5a. a 8a. série da escola local viabilizadas pelo pessoal do Comitê Paraná-Ohio. “Essa luz é poderosa, e de tão branca chega a ser



João Pires acha que a nova luz "de tão branca chega a ser esverdeada".

até esverdeada", descreve animado, olhos brilhando como os de criança desembrulhando presente.

Caprichosamente vestido com sua melhor roupa, João acabou transformando os 15 minutos de intervalo do primeiro dia de aula em pelo menos 30 para narrar e mostrar as vantagens da nova iluminação. "Primeiro de tudo tem a aula à noite, que sozinha já justificaria esse esforço pois o saber é importante e não ocupa lugar", conta. Na qualidade de líder comunitário, já se propôs até a trazer os poucos nativos ainda renitentes aos bancos escolares. "Depois tem a economia: as cargas de bateria vão custar menos que o gasto com velas, querosene e gás." Num cálculo aproximado, João afirma que gastava cerca de 15 reais por mês para luminar a casa com velas, liquinho e lampião. Ele acredita que vai passar a gastar "talvez uns 5" em novas cargas de bateria. "Essa lâmpada é fabulosa, não atrai mosquito e ilumina até ali fora", diz apontando para um tosco banco de madeira, dois metros além da porta. "A gente custa a crer que é possível ter luz em casa sem barulho, cheiro ou fumaça, só com o calor do sol."

Antes de retornar apressado à sala de aula, João garante empenho para concretizar uma já prometida festa de formatura para daqui a quatro anos. Às crianças que foram à aula pela manhã e brincam despreocupadas pelo caminho, cobra a lição de casa do dia.

"Vamos fazer de noite", responde logo uma delas.

A comunidade da Barra do Arapira não é hostil ou re-

fratária à presença ou aos hábitos dos visitantes. Pelo contrário, todo visitante é muito bem tratado se vai em paz e se comporta com civilidade. Mas a realidade é que ali não fica ninguém sem o conhecimento ou o de acordo de Rubens Muniz, 49 anos, líder da comunidade e recentemente investido formalmente desse poder como presidente da Associação dos Moradores. Filho de um dos pioneiros da localidade, Rubens é dono da única pousada, do único barco motorizado e também da mercearia de Barra do Arapira.

O XERIFE DO LUGAR

Sua precedência sobre os demais moradores surgiu há cerca de dez anos quando uma empresa de outro Estado (a Companhia Agropastoril Litorânea) resolveu iniciar uma criação de búfalos na ilha do Superagüi. Rubens percebeu segundas intenções nos objetivos dos empresários: "Em vez de jagunços trouxeram búfalos para grilar as terras, invadir plantações e espantar os moradores". Tomando a frente do movimento de resistência, Rubens denunciou a manobra, cobrou ações das autoridades e comandou as ações de contra-ataque em incursões no campo inimigo, das quais resultaram alguns churrascos de car-

ne de búfalo. "Se nada tivesse sido feito, talvez o Parque Ambiental do Superagüi nem existisse", calcula Rubens, que revela ter sido alvo de muitas ameaças durante o episódio. "Felizmente elas nunca chegaram a se concretizar."

Seu comportamento lhe valeu o reconhecimento e o respeito da comunidade, e desde então passou a ser considerado uma espécie de xerife do lugar. Sua maior preocupação é manter a ordem, o respeito e a união entre os moradores, e para isso cuida pessoalmente, também, de conhecer os forasteiros que chegam ao povoado. "Queremos turistas sim, mas os bons turistas. Os que vêm para perturbar, usar drogas e promover confusão não são bem-vindos", define.

Da sua iniciativa decorreram outros importantes benefícios para a comunidade: posto telefônico (que também é alimentado por um painel solar), posto de saúde, construção da escola e suprimento de água potável (em vias de ser executado). Como a luz elétrica já veio, o próximo passo será tentar conseguir uma linha regular de transporte ligando Barra do Arapira a Paranaguá. ●



O líder Rubens Muniz: "Queremos só os bons turistas."



Jorge Canezin, de Querência do Norte, fez uma das apresentações no seminário.

PARADA DE SUCESSOS

2º. SEMINÁRIO INTERNO DIVULGA O TQC NA PRÁTICA

Pela segunda vez o Escritório da Qualidade e Produtividade reuniu em Curitiba colaboradores de toda a Copel para um seminário que acabou se revelando uma viagem ao interior da empresa. No roteiro, duas palestras e a apresentação de dez casos de problemas enfrentados e superados com a prática da filosofia e métodos da Qualidade Total. Cerca de 450 pessoas lotaram o anfiteatro da Federação Espírita do Paraná, em 28 de março, para acompanhar o evento.

Na abertura, o presidente Ingo Hübert comentou a evolução do programa de TQC a partir de avaliações do próprio corpo gerencial (veja box) e fez um alerta para o futuro: "A Copel, uma estatal, precisa desde já se enxergar competindo com empresas privadas e para isso deverá sublimar a eficiência, pois o cliente quer, em síntese, o melhor serviço ao menor custo."

Pelo mesmo caminho seguiu em sua palestra José Ailton da Silva, assessor de TQC da Escelsa, do

Espírito Santo, a primeira ex-estatal do setor elétrico. Sob o tema "Paradigmas de Gestão Empresarial", José Ailton comentou as mudanças em curso na empresa com o objetivo de torná-la mais ágil, flexível e proporcionar ao cliente plena satisfação. A ênfase foi o binômio eficiência e eficácia: "Ser eficiente é fazer certo a coisa; ser eficaz é fazer a coisa certa." A Escelsa está buscando varrer da sua rotina tecnicismos que só têm servido para azedar a relação com o consumidor e, em certos casos, para gastos inúteis.

Por exemplo, mobilizar uma equipe para fazer uma ligação e deixar de executá-la porque o consumidor não tinha providenciado um parafuso de valor irrisório. "Gastar combustível e ocupar pes-



RESULTADOS SERÃO APRESENTADOS À DIRETORIA

Para dar ainda mais importância às iniciativas que visam melhorar o desempenho, reduzir custos e maximizar resultados da companhia, o Escritório da Qualidade vai promover a apresentação dos resultados de bons trabalhos de TQC nas reuniões de diretoria da empresa. Inaugurando essa prática, na reunião do dia 29 de abril (foto) os técnicos de distribuição Flávio Augusto Jorge Medeiros e Paulo Ricardo Maciel apresentaram o caso Redução do DEC/FEC na área do Centro Regional de Distribuição de Francisco Beltrão (SDO/CRFB).

Com a utilização do método de análise e solução de problemas, o CRFB conseguiu ultrapassar a meta de redução dos indicadores de qualidade do fornecimento estipulada para 1995. De acordo com Flávio Augusto, a identificação do problema e a observação e análise das causas da elevação nos índices possibilitaram traçar o plano de ação para

reduzir a quantidade e duração das interrupções através do direcionamento de recursos para os pontos mais críticos. Resultado: o Centro de Francisco Beltrão encerrou o ano com DEC de 12h24, índice 23% menor do que o de 94, e FEC de 13,68, reduzido em 28% em relação ao ano anterior.

Além da satisfação de ter obtido expressivos ganhos financeiros para a empresa e seus consumidores, o CRFB agora se orgulha de ter o segundo melhor desempenho em DEC/FEC da área da Copel, ficando atrás apenas de Curitiba, cujo sistema tem características diferentes. A idéia agora é continuar usando o TQC para melhorar ainda mais a qualidade dos serviços do Centro Regional.

A apresentação foi elogiada pela diretoria. Segundo o diretor de Distribuição, Mário Roberto Bertoni, a qualidade total é a base do trabalho desenvolvido pela DDI e "é gratificante ver técnicos raciocinando em termos de TQC".

soal para chegar até a porta do consumidor e perder a viagem por causa de poucos centavos não é exatamente um bom negócio. Por isso hoje as equipes saem para o trabalho com todo o material necessário, e se o consumidor não tiver o tal parafuso a gente cede." A Escelsa também quer ter como rotina ligar no mesmo dia os consumidores que fizerem seus pedidos até o início da tarde.

Outra palestra foi feita pelo professor Mauro Monteiro de Andrade, consultor da Fundação Christiano Ottoni e orientador do TQC da Copel. Falando sobre o ser humano diante das mudanças, ele centrou suas observações na extrema rapidez com que estas vêm acontecendo. "A sociedade sempre esteve em processo de transformação, mas agora elas acontecem em ritmo vertiginoso." Com a popularização dos computadores e o salto representado pelas fibras ópticas nas comunicações, tudo no mundo ganhou maior rapidez e também qualidade, inclusive os processos produtivos. "Se a consequência é a menor necessidade de mão-de-obra, como absorver os trabalhadores substituídos por máquinas?" Monteiro não sabe a resposta, mas aponta o caminho: ele acha que a solução está no pensamento holístico, ou seja, explorar o detalhe que distingue o homem da máquina: a intuição.

OS TRABALHOS

Dez trabalhos - todos de muito boa qualidade, na avaliação dos participantes -, vindos de diversas regiões do Estado, compuseram a pauta do encontro. Todos foram sugeridos à comissão encarregada de promover o 1º Seminário Nacional de TQC do Sistema Elétrico, em Belo Horizonte, no mês de

junho. A revista Copel Informações destaca alguns deles.

De Querência do Norte, no noroeste, Jorge Canezin (do Centro Regional de Paranaíba) trouxe uma experiência cujo sucesso, por certo, alegrou bastante os 15 mil consumidores da cidade: entre janeiro e setembro de 1994 a população da área urbana amargou 357 interrupções no fornecimento de energia - 71 num único mês. Identificando as causas e atuando sobre elas, foi possível reduzir o número de ocorrências a 9, total registrado entre março e dezembro do ano passado.

E de Joaquim Távora, Norte Pioneiro, veio um interessante estudo sobre o desperdício de energia nos sistemas de iluminação pública - luminárias que por defeito em componentes permanecem acesas durante todo o tempo. Natalino Lopes Grego relatou que na cidade e em 11 outras localidades foi levantada a existência de 1.324 lâmpadas que ficavam acesas também de dia, num universo de 15.549 luminárias. O problema foi reduzido com a intensificação das inspeções diurnas, mas o ponto alto da apresentação foi um exercício de extrapolação feito pela equipe: admitindo-se que 7% da carga instalada nos sistemas de iluminação pública paranaense apresente problema idêntico (são 712 mil lâmpadas ao todo, cuja potência somada representa 10% da Usina de Segredo), a empresa estaria às voltas com um desperdício mensal de R\$ 242 mil em energia não faturada.

Os conceitos do TQC e do 5S também foram aplicados no Departamento de Administração de Almoarifados (DEF/SSU/DPAA). A apresentação de Jairo Fontanella mostrou que uma boa organização

representa, além de economia, mais segurança no ambiente de trabalho. Após a conscientização e formação de grupos de estudos, os funcionários demarcaram e pintaram 3.000 m² de piso no Almoarifado Central do Atuba e

colocaram placas indicativas nos diversos setores para facilitar a localização e o trânsito no interior da unidade. Resultado: menos acidentes e menor tempo para localização de materiais e para as atividades de carga e descarga. ●

HÁ MUITO A PROGREDIR

Você sabe o que é um "Gerente Ploc"?

É o gerente que acha que sua principal missão é planejar, liderar, organizar e controlar sua área.

Se você acha que esse é o perfil mais adequado para um gerente e ocupa - ou pretende vir a ocupar - um posto de gerência na Copel, abandone o figurino, e rápido. Segundo o presidente Ingo Hübert, a empresa não precisa mais de "gerentes ploc" e sim de gerentes empresários, que consigam enxergar suas áreas como unidades de negócios capazes de gerar bens e serviços que resultem em lucros para a companhia.

Na palestra de abertura do 2º Seminário Interno de TQC, Ingo Hübert voltou a falar da importância dos "intrapreneurs", ou em-

preendedores internos, que são a antítese dos "gerentes ploc". Mostrou os resultados de uma pesquisa feita entre os mais de 400 gerentes no princípio do ano para avaliar o estágio atual de implantação do Programa de Qualidade Total e historiou os resultados já conseguidos em benefício do tripé acionista/cliente/empregado, cuja satisfação deve ser garantida para assegurar a estabilidade do todo.

Do resultado da pesquisa o presidente destacou dois pontos: um, a economia conseguida até agora com o uso das ferramentas do TQC (18,6 milhões de reais por ano, dinheiro suficiente para construir 930 km de linhas de distribuição ou 116 agências comerciais). E dois, que o melhor ainda está por vir, já que na avaliação dos gerentes a implantação do TQC na Copel merece nota 6, numa escala até 10.

"Esta pesquisa mostra que apesar de todos os progressos ainda estamos longe do ideal, mal cumprimos metade do caminho. E isso é bom, pois no entendimento dos gerentes o potencial remanescente para aplicação do TQC é enorme e a Copel pode ser ainda muito melhor, para a alegria de todos".



Ingo: a Copel pode ser ainda muito melhor.

FIM DA LINHA PARA O PROBLEMA

FAIXA DE SEGURANÇA EM TRANSMISSÃO PODERÁ TER USOS MÚLTIPLOS

A Copel está a caminho de solucionar um antigo, generalizado e até mesmo crônico problema do setor elétrico brasileiro: a ocupação clandestina, indevida, arriscada e desordenada das faixas de segurança sob as linhas elétricas de alta tensão em regiões urbanas. A proposta de institucionalizar e regulamentar o uso dessas faixas com finalidades que não conflitem com sua destinação operacional está sendo encaminhada pela empresa ao Comitê de Gestão Sócio-Patrimonial do Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica - DNAEE, onde já começam a ser definidas as portarias e respectivos manuais de procedimentos, inspirados em algumas idéias da Copel.

Os primeiros estudos práticos nesse sentido estão em andamento na cidade de Curitiba: a Prefeitura tem interesse em usar determinadas áreas para ampliar o sistema viário, desenvolver projetos de reassentamento de famílias de baixa renda e implantar programas de lavouras urbanas. A perspectiva de sucesso é grande: os entendimentos estão bastante adiantados e já vêm despertando o interesse não só de outras prefeituras paranaenses mas também das demais concessionárias.

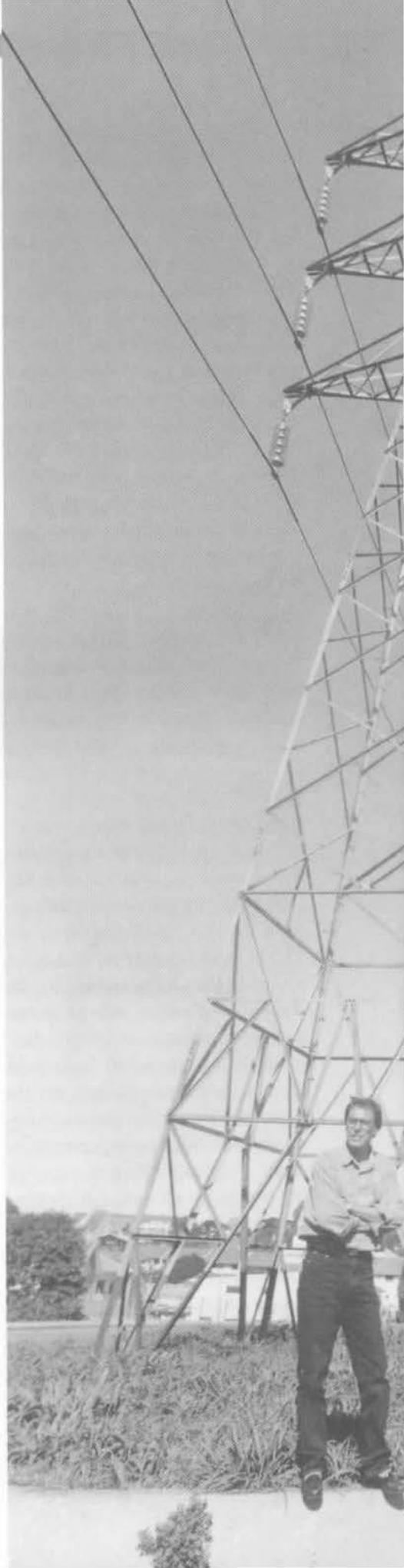
PRECEDENTE

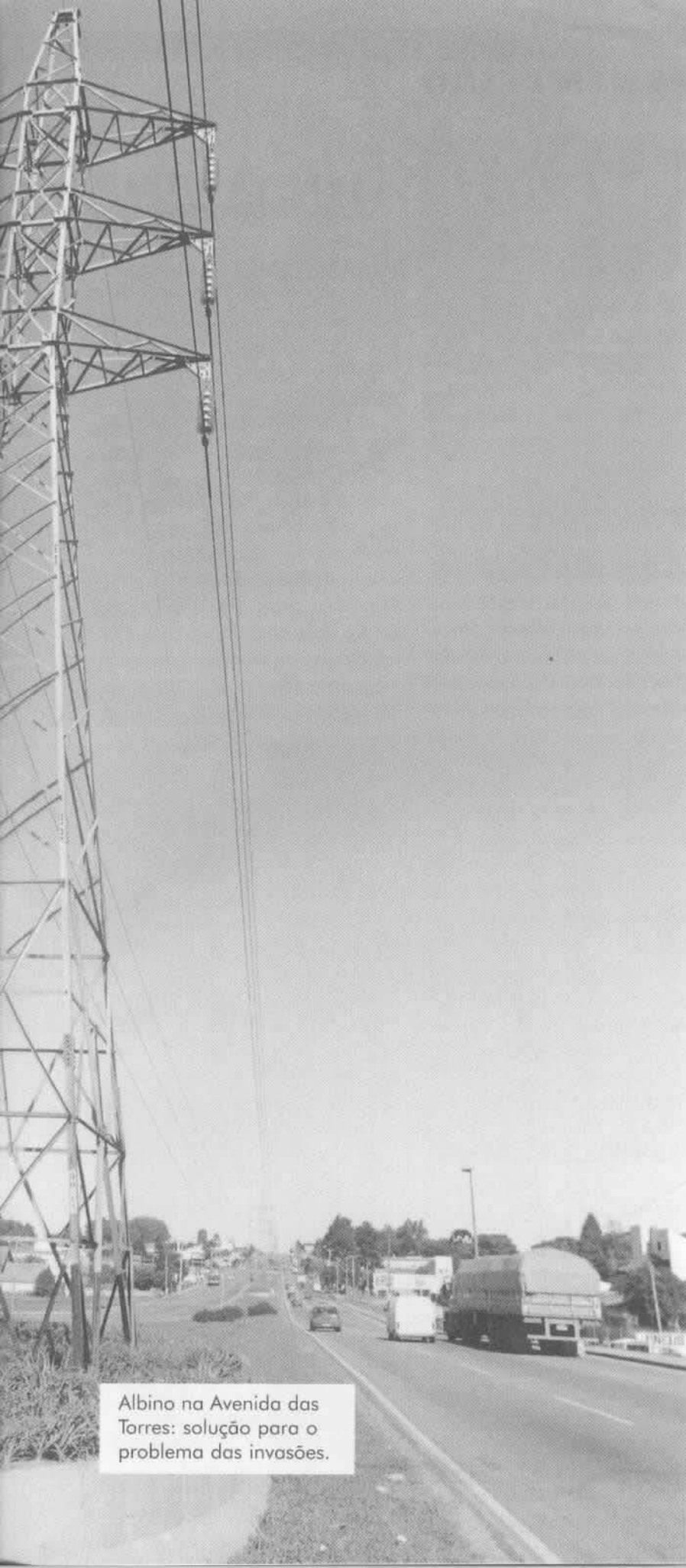
O princípio da coisa é um verdadeiro ovo de Colombo. Sem abrir mão do direito de usar a terra para a passagem da linha nem das responsabilidades inerentes à

faixa de segurança, a Copel negocia os terrenos com a Prefeitura de Curitiba por um valor mínimo, já que as numerosas e rigorosas restrições de uso desvalorizam comercialmente as áreas.

Essas faixas então são incluídas no Plano Diretor da cidade para que - paralelamente ao traçado das linhas - ali sejam, por exemplo, projetadas e construídas avenidas ou, nos remanescentes contíguos e frações de lote, assentadas famílias e estimulado o plantio de hortas ou de grama para uso em projetos paisagísticos. Participam ativamente desses estudos de parceria o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), a Companhia Municipal de Habitação (Cohab), a Fundação de Assistência Social e a Secretaria Municipal de Abastecimento.

No caso da construção de avenidas, em Curitiba mesmo existe o precedente da Avenida das Torres, que liga o aeroporto Afonso Pena ao centro e que foi idealizada e viabilizada ainda na década de 70 pelo então presidente da Copel Arturo Andreoli. "Onde hoje é a avenida há quase 20 anos era uma área de invasão", atesta Albino Mateus Neto, gerente da Coordenadoria de Assuntos Fundiários (DOP/SGM/CNAF). "É um caso exemplar de transformação de área de risco em algo útil para a sociedade e que solucionou o problema". Albino quer ver reeditada, regulamentada e até





Albino na Avenida das Torres: solução para o problema das invasões.

ampliada a aplicação dessa idéia. Para isso tem se dedicado a divulgar a filosofia do uso produtivo das faixas de servidão sob linhas de alta tensão como solução ao problema das invasões. O assunto já chegou até mesmo à Internet: os interessados podem acessar o endereço eletrônico da Copel, módulo geral institucional, subitem novos negócios - linhas de transmissão.

60 KM DE VIAS

As conversas com a Prefeitura e o IPPUC já estão bastante adiantadas, e Curitiba poderá ganhar no futuro mais 60 km de avenidas que usarão as faixas de segurança das linhas de transmissão da Copel. Nos planos, prioritariamente, está uma que será estratégica para o crescimento de regiões hoje de difícil acesso: a interligação por via expressa dos bairros do Atuba e Pinheirinho, nos extremos norte e sul da capital.

Tanto o presidente da Copel, Ingo Hübert, quanto o prefeito da capital, Rafael Greca, apoiam a idéia com entusiasmo. Em função do interesse, já se conseguiu até mesmo aprovar uma legislação específica em Curitiba (Lei Municipal 8.788, de 18.12.95, que dispõe sobre o uso e ocupação das áreas contidas nas faixas de segurança das linhas de transmissão em alta tensão).

Para a Copel, o sucesso do projeto trará vantagens como a diminuição do número de invasões em áreas de risco, liberação de imóveis do patrimônio da empresa (que é gravado por tributos), possibilidade de permutar imóveis com restrição de uso por outros de maior utilidade aos serviços, e redução de despesas com fiscalização, vigilância e conservação dessas áreas. Para a Prefeitura, IPPUC, Cohab e demais organismos, a parceria com a Copel significará principalmente uma solução a custos acessíveis para obtenção de áreas estratégicas destinadas a arruamento ou lotes para assentamento de famílias carentes. ●

LINHA ESTRATÉGICA

ATENDIMENTO À CAPITAL GANHA MAIS CONFIABILIDADE

Curitiba, 24 de julho de 1995, segunda-feira. A noite está começando em Curitiba. Para o sistema elétrico é o início do horário de ponta, no qual há a maior demanda de energia. Às 18h36, a linha Campo Comprido-Umbará de 230 kV desarma, interrompendo uma carga de 24 MW. Apreensão no Centro de Operação do Sistema, pois a linha é vital para o suprimento à capital. Instantaneamente as demais linhas e subestações do anel elétrico assumem a carga e o equilíbrio do sistema é mantido.

Às 19h17, outra baixa: a linha Uberaba-Umbará, também de 230 kV, não suporta o crescimento da carga e desarma. Os níveis de tensão oscilam fortemente, e para evitar o "efeito dominó" o Centro de Operação inicia o esquema de alívio de carga: seletivamente linhas e subestações vão sendo desligadas para possibilitar a estabilização da tensão. Dois terços da capital, Região Metropolitana e litoral ficam temporariamente sem energia. Os efeitos do problema chegam até Ponta Grossa. A situação só volta ao normal às 20h32.

A causa de tudo estava num ponto perto da Cidade Industrial de Curitiba: alguém destruiu a tiras ou pedradas, não se sabe, 14 isoladores da linha Campo Comprido-Umbará, e transtornou a rotina de 2 milhões de pessoas.

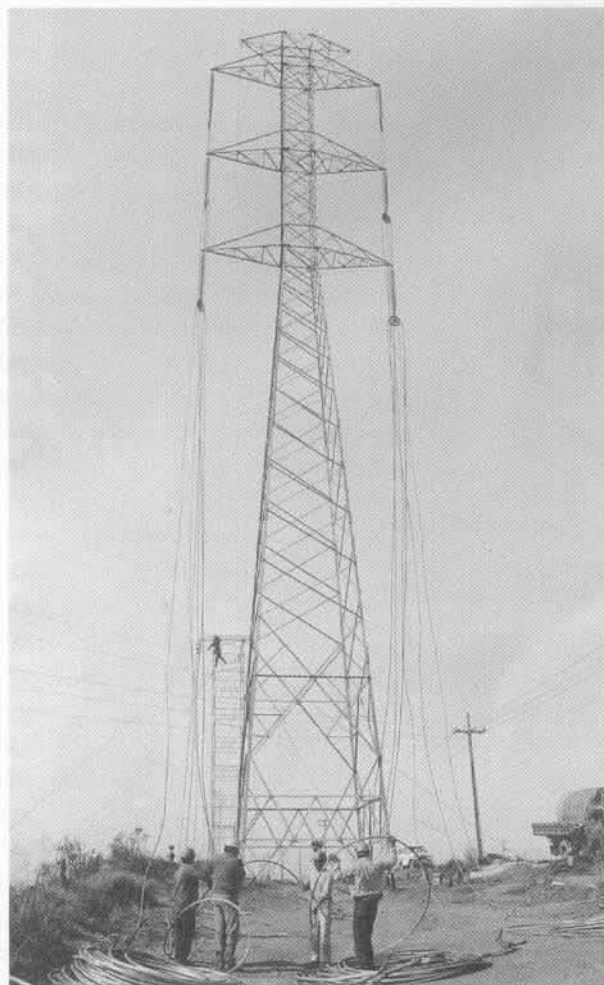
Episódios como esse, no entanto, dificilmente voltarão a se repetir. A um custo de 6 milhões de reais, a Copel colocou em operação no final de maio a segunda

linha de 230 kV entre Umbará e Campo Comprido. Com 20 km de extensão e apoiada em 79 torres, a nova linha vai aumentar a confiabilidade dos serviços elétricos na capital.

O traçado acompanha em parte o da linha existente, e noutro trecho margeia o Contorno Sul, na Cidade Industrial, já obedecendo as novas diretrizes de usos permitíveis em áreas de risco combinadas com a Prefeitura. Tanto o projeto quanto o traçado foram previ-

amente analisados e aprovados pela municipalidade e autoridades ambientais.

A nova linha incorpora as mais recentes tecnologias para obras do gênero, como cabo de cobertura com núcleo de fibras ópticas. Por essa razão a linha será importante também para a Embratel, que mediante convênio firmado com a Copel integrará o trecho ao Tronco Sul de Telecomunicações. A obra foi iniciada em outubro, a cargo da Superintendência de Obras de Transmissão (DEC/SOT). ●



A nova linha de transmissão utiliza tecnologia moderna.

ENTRE AS TRÊS MELHORES

Está em operação o sistema de automatização e telecontrole da subestação Universidade (34,5 kV), que atende a 71 mil unidades consumidoras na região central de Ponta Grossa, a primeira da Copel e — possivelmente — a primeira entre as concessionárias brasileiras na qual se instala um sistema distribuído de aquisição e controle diretamente no pátio, sem sala de comando. O sistema, baseado em tecnologia confiável e de baixo custo, contribui para reduzir o índice DEC (duração equivalente de interrupções por consumidor) da unidade. Essa tecnologia avançada só é utilizada por três empresas no mundo: uma canadense, uma japonesa e a Copel.

NOVO MESTRE



O funcionário Cláudio Marchand Krüger (foto) defendeu em janeiro sua dissertação de mestrado no Curso de Pós-Graduação em Engenharia Hidráulica mantido por convênio entre a Copel e a Universidade Federal do Paraná. O trabalho "Estimador de Quantis de Cheias Baseado em Assimetria Regional" contribui para a evolução dos métodos de estimativa de vazões de cheias associadas a uma dada probabilidade de ocorrência. O novo estimador proposto utiliza as observações de vazão do próprio local do rio em estudo e informações hidrológicas e fisiográficas regionalizadas.

RESULTADOS

O diretor econômico-financeiro Ferdinando Schauenburg (foto) fez palestra no final de abril para apresentar os resultados alcançados pela Copel em 1995 a profissionais do mercado financeiro.



Além de apresentar aspectos gerais do mercado e da companhia, Schauenburg falou do balanço financeiro da Copel. Em termos de perspectivas, ressaltou o programa de investimentos, da ordem de US\$ 1,787 milhão até o ano 2000.

PÓS-GRADUAÇÃO

Os interessados em fazer o curso de mestrado em engenharia hidráulica na UFPR já podem ir se preparando. As áreas de concentração são "obras hidráulicas" e "recursos hídricos" e as inscrições acontecerão de 01 a 25.10.96 e a seleção dos candidatos ocorrerá em novembro. O requisito básico é o diploma em curso superior de engenharia plena, mas os alunos em fase final do curso de graduação em engenharia podem inscrever-se em regime condicional. Mais detalhes pode ser obtidos com o prof. Heinz Dieter Fill, na coordenação do Curso de Pós Graduação em Engenharia Hidráulica (CEHPAR - caixa postal 1309 - CEP 80001-970, fone 041-267-7843).

COPEL EXEMPLAR

O trabalho desenvolvido pela Copel na área de planejamento estadual integrado resultou em convite do Ministério de Minas e Energia para que a Empresa ministrasse cursos sobre a "Elaboração de Matrizes Energéticas dos Desenvolvimentos Estaduais" para técnicos do setor elétrico de todo o país. A matriz energética estadual aponta as perspectivas do setor energético a médio e longo pra-

zos, mediante análise da oferta, demanda, investimentos e impactos sócio-econômicos e ambientais, e fornece elementos para determinar as necessidades futuras de suprimento de energia. Os cursos estão sendo ministrados pelo eng. Alexandre Haag Filho, da Coordenadoria de Planejamento e Estudos Energéticos, da DEC/SDE.

META SUPERADA

O Departamento de Manutenção de Ponta Grossa (DOP/SML/DPMP) atingiu em 1995 o índice DEC (duração equivalente de interrupção por consumidor) de 1h24, superando em 29% a meta estabelecida. O resultado, avaliado em reunião realizada em 06.02.96, foi bastante comemorado pela área, responsável por um sistema potencialmente problemático, com muitas subestações radiais e com linhas que apresentam poucas possibilidades de remanejamento de cargas em casos de emergência.

A AJUDA DOS COPELIANOS

Na última edição, o *C* publicou reportagem sobre as campanhas de auxílio à população carente realizadas pela Copel. O tex-



NOVA ERA

Entrou em operação em fevereiro o enlace óptico interligando o Pólo do Km 3 às instalações da Rua Padre Agostinho, em Curitiba. O acontecimento, saudado como "o início de uma nova era tecnológica para a Copel" pela Superintendência de Telecomunicações (DOP/STE), marca o começo da integração digital óptica das instalações da empresa e agrega o Km 3 à rede corporativa de voz e dados da companhia.

A tecnologia é isenta de ruídos e imune a interferências externas, garantindo total confiabilidade às comunicações usando tecnologia digital. A STE vai colocar em operação brevemente canais de 2 Mbits/segundo para suprir ampliações

e para a implantação de novos serviços de comunicação.

A obra demandou 18 meses, incluindo as fases de concepção, projeto e especificação até o produto final. Para a interligação foram instalados 5 km de cabo dielétrico autosustentado apoiado em redes de distribuição. Tão importante quanto o enlace em si foi a execução do trabalho, segundo o superintendente Tasso Graeff Arnold: "Ela permitiu às nossas equipes rever e aprimorar conceitos de tecnologia óptica, capacitando-as a fazer frente aos novos desafios".

O diretor de operação Lindolfo Zimmer foi ver a novidade de perto (foto) e endossou o entusiasmo dos técnicos.

to informava que a campanha Natal sem Fome arrecadara mais de três toneladas de alimentos, e prometia para esta edição o balanço da campanha permanente contra a fome que começou em 94, com contribuições mensais voluntárias dos empregados destinadas à compra de gêneros de primeira necessidade.

No total, foram distribuídos, em 94 e 95, R\$ 127.211,31 a entidades beneficentes em todo o Paraná o que equivaleria a 6.054 das chamadas *cestas básicas* adotadas na campanha, embora nem todas as cinco regionais envolvidas no programa tenham optado por distribuir cestas. A de Cascavel, por exemplo, preferiu entregar a cada

entidade uma quantia em dinheiro. Confira abaixo os resultados por regional e o que ainda há para ser distribuído, em dinheiro e o equivalente em cestas (a preços de hoje, uma cesta sairia por R\$ 21,50):

- Curitiba: distribuiu R\$ 47.757,90 (2.360 cestas). Recursos disponíveis: R\$ 12.860,55 (598 cestas).
- Cascavel: distribuiu R\$ 31.242,78 (1.453 cestas). Recursos disponíveis: R\$ 1.422,77 (66 cestas).
- Londrina: distribuiu R\$ 16.954,20 (788 cestas). Recursos disponíveis: R\$ 245,56 (11 cestas).
- Maringá: distribuiu R\$ 8.948,66 (416 cestas). Recursos disponíveis: R\$ 7.966,29 (370 cestas).
- Ponta Grossa: distribuiu R\$ 22.307,77 (1.037 cestas). Recursos disponíveis: R\$ 4.272,34 (198 cestas).

SISTEMA APROVADO

Concluídos com pleno êxito pelo LAC - Laboratório Central de Pesquisa e Desenvolvimento os testes com o novo processo de soldagem de turbinas Soldaturb. Com a inovação, a recomposição de superfícies cavitadas passou a ser feita em metade do tempo, e o material — uma liga de ferro, cromo, cobalto e manganês denominado Hidroloy-Cavitec — usado de forma muito mais produtiva. A alma de tudo é a modernização representada pela troca do processo que usava arco elétrico manual com eletrodos em barra pelo de soldagem semiautomática com fio fluxado, desenvolvido pelo engenheiro Nélio César de Souza. Ele e sua equipe recuperaram integralmente as pás da unidade 2 da Hidrelétrica de Foz do Areia usando o sistema Soldaturb, com resultados considerados excelentes.



FORMAÇÃO DE ESPECIALISTAS

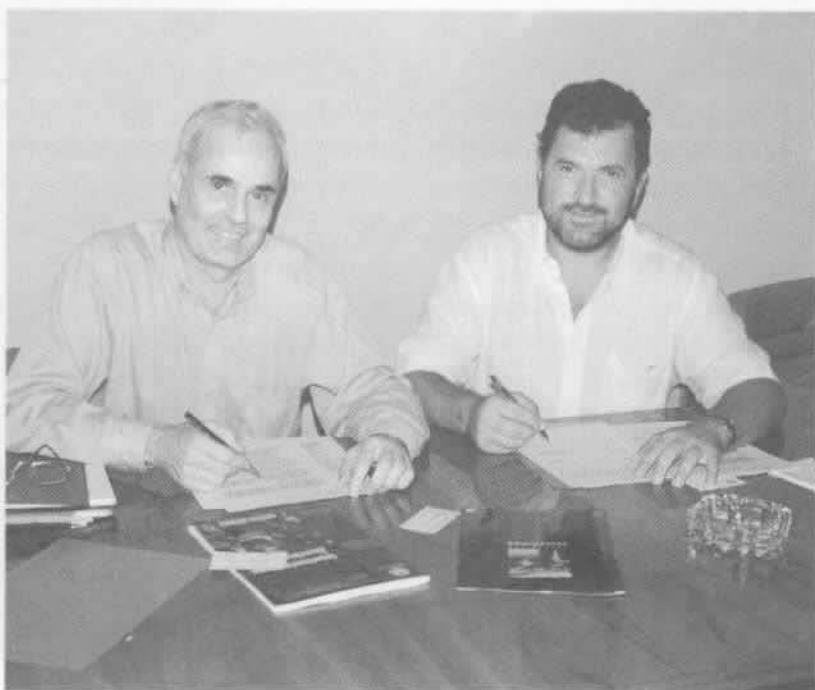
Um curso inédito no Brasil vai formar no final deste ano especialistas na gestão técnica de concessionárias de energia elétrica. Proposto e coordenado pelo Centro de Hidráulica e Hidrologia Prof. Parigot de Souza em convênio e com a colaboração da Copel,

o curso pretende proporcionar aos participantes uma ampla visão das atividades relacionadas com o serviço público de energia elétrica, capacitando-os a propor ações executivas e gerenciais tanto na área de engenharia quanto sob os aspectos comercial e financeiro.

As atividades do curso foram iniciadas com solenidade (foto) realizada no Pólo do Km 3 em 26 de fevereiro. Ao todo, são 38 participantes, muitos deles representando empresas elétricas de outros estados. A carga horária prevista — de 360 horas-aula — deverá estar cumprida em meados de dezembro.

COOPERAÇÃO TÉCNICA

Convênio firmado pelo LAC e o *Centre for Electrical Power Engineering - CEPE*, da Universidade de Strathclyde, na Escócia, vai possibilitar o incremento das relações entre as duas instituições de pesquisa, através de projetos de cooperação técnico-científica, bem como facilitar o relacionamento daquela Universidade com a UFPR, que mantém o LAC em conjunto com a Copel. O convênio foi assinado pelo prof. Owen Farish, diretor do CEPE, e pelo eng. Henrique José Ternes Neto, coordenador do LAC (foto).





QUALIDADE TOTAL

Os gerentes de departamentos e divisões da Superintendência de Operação e Manutenção Oeste (SMO) participaram em 04 e 05.12.95, na Usina de Segredo, de Seminário de Desdobramento das Diretrizes do TQC. O evento, promovido pelo Grupo de Trabalho/TQC da SMO, contou com a participação do Diretor de Operação, Lindolfo Zimmer.

CARTAS

CHANCE DE CRESCER

"Estou encaminhando depoimento a respeito do valor da iniciativa da Copel em apoiar o ingresso de seus empregados que não concluíram os estudos, no CES. Esse depoimento, por ser de pessoa muito querida (minha esposa), realmente me emocionou pois acompanhei seus esforços e vi suas incríveis dificuldades, mas nada poderia pagar a emoção de ver em seus olhos o brilho de uma batalha vencida. E não terminou por aí. Em fevereiro de 1996, prestamos juntos o vestibular para Ciências Contábeis em Mandaguari e fomos aprovados, ela em 7º lugar na classificação geral. Com um grande abraço, Paulo Par-

do. Agência de Mandaguari".

"O objetivo desta é parabenizar a iniciativa da Copel de incentivar o estudo supletivo a seus funcionários, conforme publicado no artigo "Educação" do Copel Informações nº 202 de janeiro de 1996. Se alguém achou que não adianta, que já passou a hora de estudar, fica aqui meu incentivo. Ano passado, em 20.02.95, com 26 anos, 2 filhos, sendo um deles um bebê de 8 meses, e grávida do terceiro, sem ter conseguido fazer o segundo grau, decidi: é agora ou nunca. E lá fui eu me matricular no CES (Centro de Estudos Supletivos)

e com ajuda de todo o pessoal de lá que trabalham com a gente, incentivando e ensinando, em 20 de novembro de 1995 (nove meses depois) concluí meus estudos e recebi meu Certificado de Conclusão do 2º grau. Para quem está aí, desanimado de recomeçar os estudos, pense que só quando a gente quer mesmo é que se consegue. Encare os estudos como a chave das portas do mundo. Parabéns mais uma vez à Copel e felicidades a todos que vão dar início a mais uma etapa de suas vidas. Sinceramente, Leila Pardo."

Sua opinião é importante. Mande seus comentários, críticas e sugestões para Copel Informações (CDC/NUJN), rua Coronel Dulcídio 800 - 7º andar, Curitiba, fone (041) 322-3535, ramal 4329. Pelo connect, máquina C024869.

ÁREAS PREMIADAS POR DIREÇÃO SEGURA

As estradas brasileiras estão ruins, inseguras, com buracos de mais e sinalização de menos. Nesse contexto, cresce em importância e significado o Prêmio Segurança no Trânsito instituído pela Diretoria Administrativa com o objetivo de reconhecer o zelo e o cuidado das áreas que, trabalhando com veículos da empresa, conseguem completar um ano sem envolvimento em acidentes e sem exceder o limitador de velocidade.

O Prêmio Segurança no Trânsito divide-se em duas categorias, contemplando superintendências e

departamentos que mensalmente percorrem até 50 mil km e acima disso. Em 7 de fevereiro último o diretor administrativo Miguel Schünemann (na foto com os pre-

miados) entregou os prêmios alusivos ao desempenho de 1994: com mais de 50 mil km/mês, a Superintendência de Obras de Geração (DEC/SOG) e o Departamento de Engenharia de Avaliação (DEC/SOT/DPEA).

Com menos de 50 mil km/mês, a Superintendência Comercial de Distribuição (DDI/SCD) e o Departamento de Medição de Distribuição (DDI/SCD/DPMD).



MAIS DE 10 MILHÕES DE KM EM SEGURANÇA

Confira a seguir a relação de empregados que se destacaram na condução com segurança de veículos da empresa, no período de agosto a dezembro de 1995. Juntos, os 89 motoristas percorreram 10.700.000 km em segurança:

100 mil km - Adelar Locatelli, Álvaro Razera, Amaury Moró, Anézio Alves, Antônio José Schafer, Aparecido Picoloto, Benedito Quaresma, Carlos Roberto Reis, Celso Baldessar, Celso B. Alves, Charles B. Nunes, Clemente Zubreski, Cleodison Anciutti, Dalton M. Cano, Devanir Moraes, Djalma A. do Prado, Eugênio Didur, Fabiano Bonafe, Fernandes Giacomoni, Fioravante M. Bueno, Genésio Celini, Geraldo Stumm, Jandir Gonçalves Lins, João dos Santos Costa, José Aleixo, José Antonio Morassutti, José Batista Livânio, José Costa, José da Cruz Modesto, José Martins Duraes, José Nivaldo Domingues, José Roberto Braga, Juciel Bonamigo, Juldimar V. Pereira, Laudeir F. Gomes, Lauro Novacovski, Luiz Altair Gusso, Luiz Antonio Niero, Marcos Cardoso, Maurício Onesti Jr, Moa-

cir Ferreira de Lima, Osmar Nogaroto, Osvaldo da Cunha, Oswaldo T. da Silva, Oton Jehan Marcori, Paulo Roberto Dachery, Pedro de Jesus dos Passos, Ramilton Maciel Lemos, Renatinho B. Guimarães, Ronaldo Mendes, Sérgio Zanetin, Valdemir Triana, Vilson Marques e Wellington Cesar Nunes.

150 mil km - Ademir Gonçalves, Aniceto Hammerschmidt, Daniel L. Ribeiro, Edmilson Zander, Elco Antonio Fasolo, Francisco Ibiapino da Silva, Haroldo P. do Nascimento, Haroldo T. Martins, Jorge Ferreira de Oliveira, José Alcides Coelho, Juarez Serednitzkei, Julio Cesar Sikora, Luiz

Antonio Montanha, Marcos Renato Daldin, Mário Quendi Hikida, Mauro Perez, Osmar Zanette, Paulo Celso Carneiro, Pedro Fersch, Reinaldo Feltrim, Renato Weege e Vitorlan M. Galvão.

200 mil km - Antônio Bodaio, Antônio Martinelli, Darildo Hoffmann, Dirceu da Silva, Jairo Roberto Furlan, Mário Zubreski, Néelson Galvão e Wanderley B. dos Santos.

250 mil km - Josniel Carlos da Silva e Norberto Hopalowski.

300 mil km - Luiz Carlos Seratto, Luiz Fernando Krueger e Norberto A. Fráguas. ●

NADA DE ACIDENTES

A Divisão Técnica do Centro Regional de Distribuição de Apucarana (SDD/CRAP/VTNA, ex-VPOA), área responsável por projetos, fiscalização e manutenção, completou em abril nada mais nada menos que 14 anos (5.110 dias) sem acidentes. A marca de 5.000 dias sem acidentes, alcançada em 17.12.95, foi comemorada com um jantar do qual participaram os funcionários da área e seus familiares (foto).



ZOOLÓGICO EM CASA

TER UM ANIMALZINHO DE ESTIMAÇÃO PODE SER LEGAL, MAS DÁ TRABALHO

Desde dezembro do ano passado, os irmãos João Marcelo e Matheus Santos Loyola de Araújo acordam com música todas as manhãs. Mas não porque logo cedo o aparelho de som da casa já esteja tocando os discos preferidos dos dois. O que eles ouvem todos os dias quando acordam é o bonito canto do casal de periquitos australianos que há alguns meses estão criando dentro do apartamento onde moram, em Curitiba. *Faisca* (o macho) e *Lua* são os nomes dos periquitos, que logo devem ter seus primeiros filhotes. Os irmãos têm um acordo com a mãe, a secretária Mariluce Santos Soares (GAP/SDDR): ela limpa a gaiola, aos sábados, e eles dão comida para os bichinhos. E não pensem que foram os dois que deram o trabalho mais difícil para a pobre da Mariluce, não. "Minha mãe gosta bastante dos periquitos e diz que



Os irmãos Marco e Alessandro Zancanella e a cachorrinha *Paty* ela mesma tem que limpar a gaiola", conta João Marcelo. Matheus e João já tiveram peixinhos também.

"A gente queria ter um cachorro, mas minha mãe não deixa", diz

o irmão mais novo, João, de 11 anos. Matheus, que tem 13 anos, conta que eles até poderiam ter um cachorrinho, pois o próprio síndico do prédio tem um e os outros moradores nem reclamam. Como a mãe dos meninos não aceita a idéia de jeito nenhum, os dois têm que se contentar com os passarinhos.

Os irmãos Marco Giovanni e Alessandro Vitor Zancanella têm mais sorte. Eles moram numa casa com um pequeno jardim na frente, onde a cadelinha *Paty*, que ganharam há mais ou menos um mês, tem algum espaço para brincar. Só que os dois sofreram um bocado para que o pai, o analista de sistemas José Zancanella (STI/DPSG/VSCD), os deixasse ficar com ela. O pai dos meninos não gosta de nenhum tipo de animal dentro de casa. "A gente já teve uns cinco gatos e meu pai jogou todos fora", conta Alessandro, de 7 anos. Ele e Marco, 8 anos, têm um trato: um cuida da cachorrinha de manhã e o outro à tarde.

"Tem que ser assim, pois se a gente não cuidar o meu pai joga a *Paty* fora também", diz Marco. Os dois até levantavam de madrugada, no começo, para tentar fazê-la parar de chorar. Mas foi o pai quem teve que sair para a rua uma vez, depois da meia-noite, para procurar a *Paty*, que tinha fugido. "Pelo menos para uma coisa a cachorrinha serviu", consola-se José. "Os meninos já não passam tanto tempo na rua ou na frente do videogame". ●



João Marcelo e Matheus têm um casal de periquitos australianos.

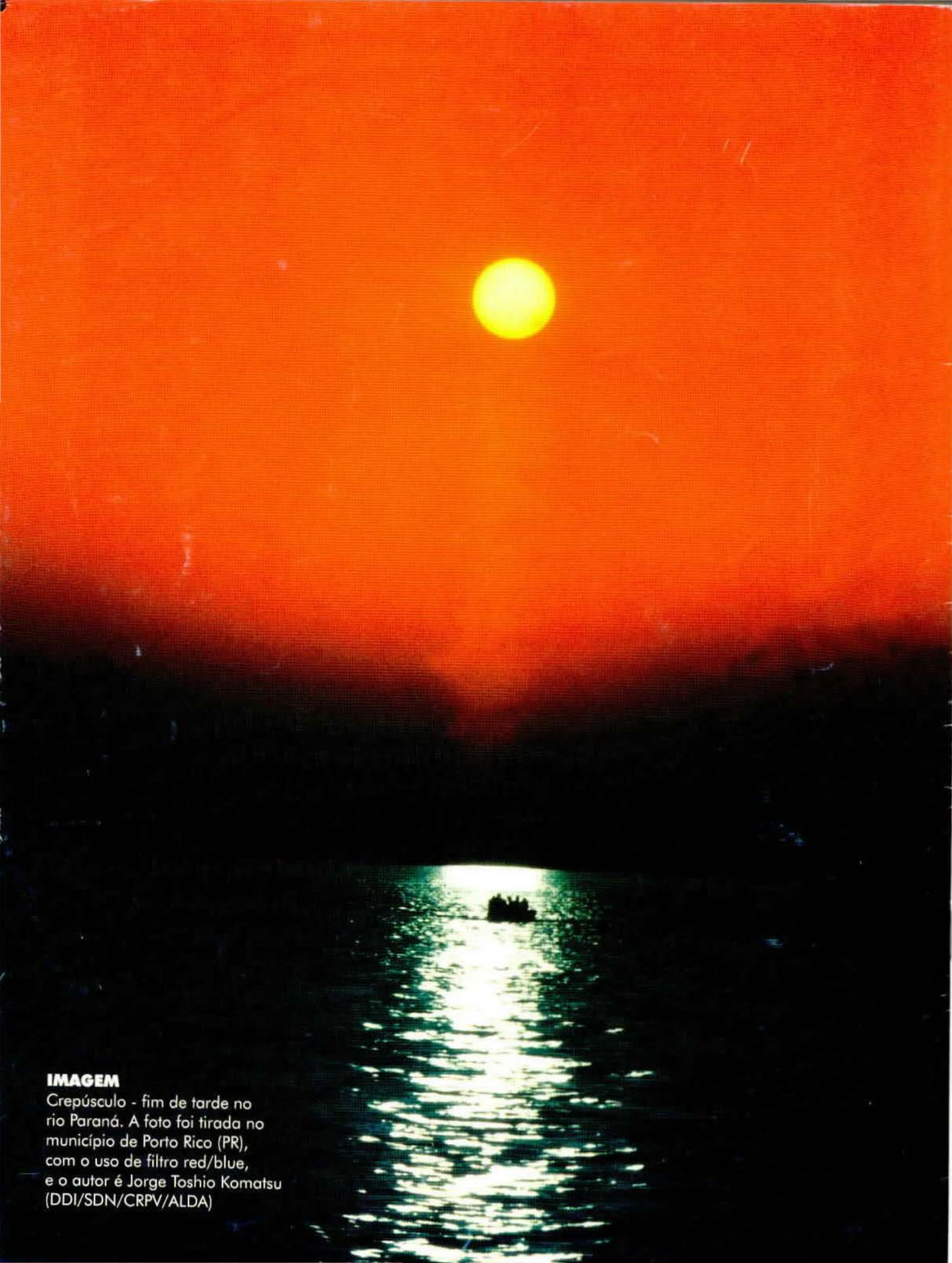


**PARA CHEGAR
ATÉ AQUI,
A COPEL PERCORREU
120.000 KM.**

A Copel não mede esforços para levar o desenvolvimento e o conforto da energia elétrica a todo o povo do Paraná. Esteja ele onde estiver. Ao todo, são 120.000 km de linhas de distribuição e 6.000 km de linhas de transmissão, que percorrem o estado de ponta a ponta, passando por todos os nossos municípios. Atualmente, o Paraná conta com 2,4 milhões de ligações de ener-

gia elétrica da Copel. E a energia que chega até os povoados mais humildes, através do Programa Lig Luz Rural, é a mesma energia que movimenta milhares de indústrias, gerando progresso e riquezas para os paranaenses. Hoje, a Copel é considerada a melhor companhia de energia elétrica do Brasil. Mas para chegar lá, teve que percorrer muito chão.





IMAGEM

Crepúsculo - fim de tarde no rio Paraná. A foto foi tirada no município de Porto Rico (PR), com o uso de filtro red/blue, e o autor é Jorge Toshio Komatsu (DDI/SDN/CRPV/ALDA)